
063ª SESSÃO ORDINÁRIA 06JUL2017

(Texto com revisão.)

O SR. PRESIDENTE (Dr. Thiago): Passamos à

TRIBUNA POPULAR

A Tribuna Popular de hoje terá a presença da Associação de Moradores Vila da Conquista – Amovic, que tratará de assunto relativo à reintegração de posse de 374 famílias do Porto Novo. O tempo regimental de 10 minutos para manifestação será dividido entre dois oradores. O Sr. Alex Sandro Nunes da Rosa, Presidente, e a Sra. Marilaine Ribeiro da Silva, Presidente da Associação de Moradores do Conjunto Habitacional Porto Novo, estão com a palavra.

O SR. ALEX SANDRO NUNES DA ROSA: Gostaria de cumprimentar o Sr. Presidente e a todos os Srs. Vereadores; e a comunidade Porto Novo, que aqui se encontra. Nós temos lá 401 famílias, em 374 lotes, onde os lotes são da Caixa. Tentamos negociar com a Caixa, e no começo estava sendo bem ampla a negociação tanto com a Caixa, como com o DEMHAB, que nunca fecharam as portas para nós. Aquele empreendimento seria da futura Dique, para esclarecer aos Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras. E a Dique se nega a ir para lá, por mais que seja deles o investimento; a negociação, a reintegração de posse da Dique está difícil lá. O DEMHAB enfrenta esse problema. Aquelas obras estavam paradas há três anos, porque era obra para ser entregue, era uma daquelas obras atrasadas da Copa do Mundo. E não foram entregues, como com muitas obras na Cidade também aconteceu; nas cidades da Copa aconteceu o atraso das entregas. Não chegando apenas o atraso das entregas, a comunidade que para lá é destinada se nega de ir para lá. Essa é a realidade. Então, tem muitos impasses aí. A ocupação Porto Novo se deu no dia 29 de outubro e, desde então, se segura juridicamente onde está, e se mostra cada vez mais difícil. Estamos numa Cidade onde, nós vamos trazer a realidade, o déficit oficial é de 50 mil famílias sem terem onde morar. E, na contramão, quando até o

ano passado eu era conselheiro do OP, nós estávamos tentando levantar áreas municipais para o Minha Casa, Minha Vida - e tem Vereadores em primeiro mandato aqui, e para eles eu vou falar. No ano passado, trabalhando junto com o DEMHAB, nós tínhamos dificuldade de encontrar áreas municipais ainda. Vou dar um exemplo da área da Nortran, que era uma área que esta Casa, senhores, vendeu por R\$ 60 mil há quatro anos. Na hora em que o DEMHAB foi negociar, a Prefeitura foi retomar, na gestão passada, a negociação da mesma área, recomprar a área, a área estava valendo dez vezes mais. Hoje a Nortran tem R\$ 6 milhões. E hoje, eu trago estes dados aqui, de inúmeras áreas que foram vendidas aqui nesta Casa para o pagamento de déficits municipais. São dados que trago à consciência dos senhores, para mostrar que hoje, por tantos déficits e áreas vendidas e outros porquês, quando nós chegamos simplesmente para o DEMHAB, no caso de acontecer uma reintegração de posse dessas 401 famílias, para perguntar sobre um local, o que nos é dito? Não tem área para colocar nem dez famílias. E simplesmente não tem negociação, porque o DEMHAB deixou bem claro, somos problema de Porto Alegre, eles reconhecem que nossa ocupação é um problema de Porto Alegre, mas eles também reconhecem, tentam nos dizer que não têm solução para nós e para essas famílias. Então, neste caso, eu trago à razão de vocês e trago ao conhecimento desta Casa, que tem muito impasse. Nós temos 374 lotes, que eram para ser entregues antes da Copa do Mundo de 2014; estamos em 2017, e não foram entregues ainda. Temos a comunidade destinada para lá, e por guerras de tráfico ou guerras de outras causas, essas comunidades não querem sair de onde estão para serem loteadas nestes lugares, onde estamos com as famílias lá. As famílias querem, sim, negociar. Querem negociar e comprar com a Caixa. Aí sentamos e vemos qual é a melhor negociação. Ao mesmo tempo, nós temos o DEMHAB, órgão municipal que fala que tem um diálogo aberto, mas que já tem um posicionamento. O DEMHAB já nos recebeu três vezes e pode nos receber mais mil vezes, mas o posicionamento do DEMHAB é o mesmo, não temos o que fazer. É muito fácil eu abrir a minha porta e dizer que eu recebo a todos, mas com uma posição fixa – não importa o que me disser, a minha posição é a mesma. É assim que nós estamos sendo recebidos pelo DEMHAB. Nós estamos convidando, independente de partido, Governo ou posição, todos os 36 Vereadores de Porto Alegre para irem até a Av. Vila Santíssima Trindade, atrás do Sambódromo, que é outro problema de Porto Alegre, para conhecer a realidade das 401 famílias que lá vivem.

Nós também estamos pedindo uma CUTHAB para discutir e queremos, sim, que cada um dos senhores, não só na hora de vender as áreas de Porto Alegre – hoje, está faltando para outros bens... Eu não estou acusando os Vereadores, nem sei a situação de qual venderam, mas estou trazendo um fato: um problema, que era solução no passado, e virou um grande problema agora, e é um problema que atinge essas famílias. Queremos que, independente de cor partidária, Vereadores venham comprar essa luta com a comunidade. A Porto Novo é apenas a ponta do *iceberg*, porque tem muitas reintegrações de posse sendo colocadas na rua pela Prefeitura de Porto Alegre, Prefeitura, Estado ou Caixa, representando a União. Estamos aqui convidando os Vereadores para conhecerem esse problema e, quem sabe, apontarem outras soluções também.

(Não revisado pelo orador.)

A SRA. MARILAINÉ RIBEIRO DA SILVA: Eu estive por 20 dias internada em um hospital, no qual eu refleti. Eu vou ler aqui para vocês refletirem junto com a comunidade Porto Novo. Amigos Vereadores, comunidade lutadora, a moradia digna é um direito de todos. Vamos parar para pensar nas consequências no futuro de nossas crianças, que poderão ficar desamparadas, sem um lar para crescerem, estudarem e evoluírem como seres humanos. Nossa ocupação já tem nove meses, o tempo que demora uma criança para nascer. Mas, regularizada, será o início da nossa esperança para, nesta vida, muitas crianças vencerem. Pensem bem, uma criança sem morada ficará perdida na estrada, sem rumo e sem direção, não sabendo por qual caminho andar podendo morrer na contramão.

Então, senhores, nós não estamos querendo perder nossos filhos, porque muitos não têm para aonde voltar e, se tiverem, com certeza, será para morar do lado de uma boca de tráfego. Nós não queremos isso! Nossas crianças já estão estudando nas escolas em volta, já estão matriculadas nas creches, já estão fazendo uso do posto de saúde. As nossas crianças estão deprimidas, sem vontade de continuar estudando para terminar o ano letivo, porque sabem que a qualquer momento terá uma reintegração de posse!

A comunidade do Condomínio Porto Novo vem aqui falar para vocês que nós não somos invasores ameaçadores, nós somos trabalhadores ocupadores! Nós não nos envergonhamos pelo que fizemos, porque as outras gestões sempre esqueceram do pobre, do assalariado. Quem mora na ocupação Porto Novo são trabalhadores, são

mulheres estofado de família, idosos, cadeirantes. Por isso, nós viemos aqui pedir: por favor, pelo amor de Deus, nos ajudem a permanecer no Condomínio Porto Novo! Nos ajudem! Obrigada pela atenção.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Dr. Thiago): O Ver. Adeli Sell está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento, e depois prossegue em Comunicação de Líder.

O SR. ADELI SELL: Presidente; colegas Vereadores e Vereadoras; cidadãos e cidadãs de Porto Alegre, especialmente o pessoal da Região Norte, da Conquista e intermediações daquela região importante da Cidade. Eu vou, Sr. Presidente, fazer um Requerimento por escrito, que vou dar à Mesa, para que as notas taquigráficas da Tribuna Popular, das duas falas que ocorreram, sejam enviadas ao Diretor-Geral do DEMHAB, Sr. Mário Marchesan, e também para a Procuradora-Geral do Município, a nossa PGM, Dra. Nequete, para que possam acompanhar as próximas negociações em relação ao que foi judicializado pela Caixa Econômica Federal e pelo DEMHAB. Diz o Estatuto da Cidade que as pessoas não podem ser transferidas em limites superiores a dois quilômetros das suas comunidades; já aconteceram casos em que as pessoas foram transferidas aqui do Centro de Porto Alegre, da antiga Ilhota, para a Restinga, distante 27 quilômetros. Depois do Estatuto da Cidade, no ano 2000, Ver. Ferronato, as coisas começaram a mudar. A propriedade tem que ter função social, portanto nós vamos fazer valer o princípio constitucional de que a propriedade tem que ter a função social e garantir outra conquista da Carta Constitucional de 1988, que é a dignidade da pessoa humana, por isso nós vamos propor que as autoridades resolvam essa questão por uma negociação favorável a vocês, porque é possível, diante da situação concreta, mesmo que esse espaço estivesse destinado a uma outra comunidade. Nós sabemos que a municipalidade tem outros espaços e que outros espaços podem ser destinados. Eu fui ao DEMHAB, fui à Secretaria das parcerias público-privadas, fui ao Procurador-Geral do Município dizer, por exemplo, que com as chamadas obras da Copa, a Prefeitura comprou nove terrenos na região do Cristal e da grande Cruzeiro, nove terrenos. Nenhum deles está sendo ocupado neste momento; pelo contrário, houve uma tentativa oportunista, que não é o caso de vocês, de uma invasão que não tinha nada a ver com uma ocupação

legítima, e nós alertamos a Prefeitura de que lá não poderia, porque já estava destinada a algumas famílias. Discutimos isso de uma forma clara e transparente, com a municipalidade, como estamos fazendo aqui, desta tribuna, como eu farei com vocês, se for convidado para ir a vossa comunidade, ou seja, é possível negociar, sim. É possível manter a posse de vocês e fazer a regularização, já que a maioria de vocês está inscrita nas listas do DEMHAB; é possível que a gente faça um diálogo de alto nível, civilizado, como esta Cidade merece, para que nenhuma pessoa seja prejudicada. Nós não queremos que vocês sejam perturbados, não queremos que vocês tenham que sair dessa comunidade. Ver. Aldacir Oliboni, da minha bancada, da bancada do PT, nós queremos tratar deste tema como deve ser tratado. Vocês estão tranquilos e serenos vindo aqui, usando a Tribuna Popular, falando com os Vereadores. Nós temos a CUTHAB, como também temos a CEDECONH que trabalha com acesso a terra, depois, seus Presidentes e membros podem agendar uma reunião com vocês e suas lideranças para que a gente possa tratar deste tema sem nenhum problema. Por isso, aos nobres visitantes, que aqui ocuparam a tribuna, Ver. Dr. Thiago, nós podemos fazer com que essa discussão para a Câmara para que possamos acompanhar, inclusive, a próxima reunião de conciliação que foi chamada – pelo que eu sei, já está marcada – e nós podemos acompanhar. Nós não queremos adentrar a algo que já está em curso, no entanto, nós cuidamos das leis; nós fiscalizamos o Executivo como Vereadores e temos que fazer valer nosso poder e força com vocês. Por isso, volto a dizer: não adianta discursos, não adianta agrado; o que nós temos que fazer é um trabalho sério, permanente, acompanhando vocês nas negociações com a Justiça. Nós temos que colocar a Procuradoria-Geral do Município, que não esteve presente até esse momento, mas vai estar, isso porque nós temos pessoas altamente capacidades dentro da Procuradoria. Quero aproveitar a presença do Ver. Moisés Maluco do Bem, Vice-Líder do Governo, para que possa nos ajudar a fazer esse debate que será, sem dúvida nenhuma, no futuro, festejado por vocês, porque é possível resolver essa questão através da negociação. Faço outro apelo especial ao Ver. Pujol, que já foi Diretor do DEMHAB, para que nós possamos juntos, todos os Vereadores, porque aqui não tem mãe nem pai de nada, aqui tem Vereadores que devem ajudar a resolver os problemas, e não complicar a vida de vocês ou de outros mais do que já têm. Obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Dr. Thiago): O Ver. Cassiá Carpes está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

O SR. CASSIÁ CARPES: Dr. Thiago, comandando os trabalhos neste dia, quero saudar o Alex e demais participantes da Associação que vêm aqui nesta Casa, bem recebidos por nós, educadamente, isso é muito importante, nós temos que recebê-los. Como Presidente da Comissão de Direitos Humanos, Consumidor e Segurança Urbana, Alex, quero convidá-lo - e vou deixar um cartão com vocês dois - para dialogar com vocês, quero ajudar vocês, e a Casa se propõe a isso, para que nós, quem sabe, possamos fazer uma reunião em conjunto com a CUTHAB no sentido de ajudá-los. Acho que o mais importante que foi dito aqui é que são pessoas trabalhadoras e querem trabalhar - esse é um dos maiores problemas do Brasil, além da drogas, que é uma coisa ruim, nós precisamos gerar emprego e moradia para os cidadãos, porque as pessoas querem trabalhar. Quero fazer uma análise por que o Minha Casa, Minha Vida não está dando certo. Porque faltou dinheiro e porque a mensalidade é tão barata que ilude. Aí, chega lá, tem que pagar o condomínio, tem que pagar luz, tem que pagar água, e aí são 400 ou 500 reais. Como é que as pessoas vão pagar, se elas não estão trabalhando? Esse é um grande problema. Tem que se fazer um conjunto de ações que possam ajudar a comunidade.

Eu fico muito contente, Alex, tu me mostraste ser uma pessoa esclarecida, interessada. A política tem o lado bom e o lado ruim: tu não podes jamais ser doutrinado politicamente de que só um lado presta e o outro lado não presta. Ao contrário, defende aquele teu povo lá independente de partido. Nós queremos te ajudar. Obrigado, Presidente.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Dr. Thiago): A Ver.^a Marília Fidell está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

A SRA. MARILIA FIDELL: Boa tarde a todos e a todas, cumprimento o Presidente da Mesa e todos os meus colegas Vereadores; primeiro, eu quero me dirigir a esta comunidade guerreira, lutadora, como a minha. Eu sou uma líder comunitária igual a

vocês, e o meu campo de batalha é justamente a moradia. Eu também quero dizer que eu já ocupei esta tribuna, sou lá do Partenon, hoje estou Vereadora, assumi como titular num determinado momento, sou suplente, e que bom que foi neste momento que eu estou aqui e vocês também, porque essa tem sido a nossa batalha. Eu quero chamar atenção de vocês para uma coisa muito importante. Nós temos que discutir – eu também sou Conselheira da Temática de Habitação e Organização da Cidade – uma política habitacional de verdade. Não existe política de habitação em Porto Alegre, nós temos uma colcha de retalhos, que é casa de emergência, que é aluguel social. Nós, líderes comunitários, estamos brigando um com o outro por espaço! Aí vocês estão lá sendo acusados de estar ocupando o espaço de outro, mas o outro somos nós!

Como bem falou o meu colega Vereador, o “Minha Casa, Minha Vida” tem pré-requisitos sim, porque o processo é de condomínio, e tu não podes morar num condomínio sem pagar água, luz, condomínio, segurança. Se tu não fizeres isso, acontece o que está acontecendo na Restinga: pobre está sendo despejado, pobre está chegando com a mudança e não está entrando! E aí não tem lei para tirar, gente! Entrem vocês numa casa para ver se vocês não são tirados em 24 horas! Por que é que não tem lei para tirar o bandido? Na Princesa Isabel – olhem que nome lindo! –, chega a ter apartamentos com três quartos, nós perdemos aquilo ali. São poucas famílias trabalhadoras que estão ali. Eu quero a parceria de todos os Vereadores. Nós estamos vindo aqui para a Casa – eu estou temporária como Vereadora –, e os Vereadores devem ser temporários, porque o uso demais do cachimbo entorta a boca; quando tu ficas demais, tu esqueces a luta lá fora, tu esqueces a necessidade! Nós aqui sabemos que, quando a polícia entra, ela não pergunta quem é que mora ali: ela entra em todas as casas, ela mete o pé em todas as casas. Nós estamos morando sem CEP. Nós vamos procurar um emprego, nós temos vergonha de dizer onde nós moramos, porque dizem: “Ah, tu és da Conceição!”; “Ah, tu és de onde?” E isso nos prejudica no mercado de trabalho, prejudica os nossos filhos. Nós queremos CEP, dignidade!

Eu quero dizer para vocês, minha Presidente, que não é fácil também uma mulher estar nessa batalha, não é fácil para nós estarmos nessa batalha, porque somos chefe de família e a maioria das pessoas que não têm onde morar são chefes de família. Se vocês tivessem onde morar, não estariam aqui, se vocês tivessem dinheiro para pagar não estariam. E eu só queria o colar daquela dama lá, dava para fazer casa para todos nós,

só um colarzinho daqueles que foi pego lá. Mas não volta para nós, o dinheiro desviado não volta para nós, para as políticas públicas. É tanta apreensão. Eles cobram dinheiro, tem que voltar, tem que voltar; volta, mas volta para onde? O dinheiro volta para onde, se não volta para as nossas políticas públicas essenciais? A dignidade humana passa pela tua moradia, Oliboni. Se tu não tiveres onde morar, tu não és nada, tu não és ninguém, e, se morar de aluguel ou de favor, tu estás mais frágil do que quem mora na rua, porque quem está de aluguel e perde o emprego é morador de rua, porque, se não puder pagar, é despejado sem dó nem piedade.

Então eu me somo com vocês, sou parceira de vocês, mas para construir, cobrar uma política pública tem que mostrar a cara. Não basta dizer que está junto, tem que assumir aqui! Tem que arremangar e vir para a luta! Nós perdemos agora, no Partenon, pessoas que foram vítimas da enchente, das chuvas, porque estão em área de risco; a área de risco é só para pobre, porque nós botamos quatro pedras de alicerce, três colheres de cimento e levantamos a nossa casa de compensado. Isso é área de risco! Mas se a construtora fizesse uma fundação boa com engenheiros e arquitetos, não seria área de risco o mesmo lugar. Nós queremos construir nossas casas, mas com dignidade, para não corrermos risco, então nós temos que planejar. Eu sei que a política do DEMHAB, hoje, um dos focos do Secretário Mário Marchesan é o cooperativismo. O cooperativismo serve, mas não serve para todos; ele serve para alguns, não serve para todos! Quantas cooperativas nós já vimos falir, quantos nós vimos desviar recursos de cooperativa; nós temos que desembolsar R\$ 100,00 por mês, e isso não serve para todos. Tu tens que ir para a Junta Comercial, tu tens muitas coisas burocráticas, e nós não estamos neste perfil, como também, concordo com o Vereador que falou que, quando tu chegas lá no Minha Casa, Minha Vida, tu tens que pagar água, mas nós pagamos água na vila. “Ah, tu tens que pagar a luz” - nós pagamos! Alguns têm gato, mas a maioria paga. E nós, eu acho o maior orgulho que vocês devem ter, acredito porque é o que eu tenho hoje, é chegar no fim do mês e receber a continha com o nome de vocês. Mas é de vocês! É de vocês! É dignidade. Nós queremos pagar nossa água e a nossa luz, nós pagar nosso condomínio, porque é sinal que nós somos proprietários. Agora vamos fechar nesta semana, até quarta-feira, uma reunião, para montar um seminário deliberativo. Alguém me cobrou lá que deliberativo é impositivo. Mas se não for deliberativo, nós vamos nos reunir para discutir o sexo dos anjos! O seminário tem que ser propositivo e deliberativo;

nós temos que ter poder de decisão. Não adianta nós botarmos no papel e, daqui a dez anos, vamos olhar a conferência, são as mesmas perguntas, com as mesmas não respostas. Então, gente, vamos nos juntar. Eu gostaria de convidar, vou chamar vocês para essa comissão da habitação, é o que eu posso fazer hoje. Nós estamos bem adiantados, eu sou da coordenação do COP também, porque temos que ter cuidado com uma coisa, pessoal, quando nos incitam. Vocês sabem que existe o Orçamento Participativo, já foram a muitas reuniões, nós fomos, está lá marcado, só que a gente também não pode ficar esperando por isso, temos que tentar garantir também que seja cumprido isso, que seja comprada uma área digna para as pessoas que estão esperando lá. E aí nós temos que cobrar esse seminário - eu quero a parceria do Janta, quero a parceria de todos os Vereadores, do Pujol, que é um ícone na habitação -, para que a gente consiga que o Estado entre nessa briga. Só lá no Partenon, pessoal, área nobre, na Av. Coronel Aparício Borges, há áreas disponíveis para habitação - por que não pode ser lá? É só o Estado fazer uma parceria com o Município, porque na hora da eleição, todos se juntam, mas na hora de garantir a política pública, não se juntam. É isso que eu quero. Obrigada. Contem comigo.

(Não revisado pela oradora.)

(O Ver. Cláudio Janta assume a presidência dos trabalhos.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): O Ver. Tarciso Flecha Negra está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

O SR. TARCISO FLECHA NEGRA: (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Digo a vocês que, em nome do PSD, que este Vereador está aqui, junto com vocês. Vejo aqui, Alex, que são 374 famílias que fazem parte da associação. Então eu rogo, Ver. Airto Ferronato, ao DEMHAB que tenha rapidez em ver e viabilizar a compra dessa área. Que essa área, se Deus quiser, seja de vocês. O País está horrível, mas o País não pode deixar os seus filhos na rua. Obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): O Ver. André Carús está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

O SR. ANDRÉ CARÚS: Sr. Presidente, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, representantes da comunidade que hoje ocupam a Tribuna Popular, quero aqui aproveitar o ensejo desta discussão da regularização fundiária, da moradia digna e fazer um convite a todos, não só aos colegas Vereadores, mas a vocês e demais comunidades que estão envolvidas nessa luta. Na quarta-feira que vem, dia 12 de julho, haverá uma Reunião Conjunta Extraordinária – COSMAM, CUTHAB e CEDECONDH –, às 10h, no Plenário Ana Terra da Câmara, sobre o déficit habitacional em Porto Alegre. É fundamental a participação de todos. Então, deixo aqui a reunião aberta ao público, é importante que todos participem. Obrigado.
(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): O Ver. Aírto Ferronato está com a palavra nos termos do art. 206 do Regimento e depois prossegue em Comunicação de Líder.

O SR. AIRTO FERRONATO: Caro Presidente, Ver. Cláudio Janta, a nossa saudação a Mari, ao Alex, quero registrar a presença do particular amigo, Valêncio, líder comunitário, que tem estado conosco aqui, na Câmara, tratando o tema, vem de longe de outros temas da cidade de Porto Alegre. Quero começar dizendo para a Marília, minha querida amiga Vereadora, que estou desde 1989 e não entorto a boca sob hipótese nenhuma. Para mim, quem tem coração e sentimento na alma, a moradia é sagrada! (Palmas.) Não é possível admitir decisão de quem quer que seja, de que autoridade for, não é possível ver uma decisão fria e calculista: “Vocês vão embora e seja lá o que Deus quiser”. Vocês me conhecem, comigo isso não tem trânsito. Nós, ao olharmos para o nosso povo porto-alegrense, ao olharmos para as nossas crianças e bebês que estão aí, e são diversos, não é possível ficarmos calados. Se alguém compreende, bom, vamos sair daí e acabou. Vão para onde? Contem comigo nessa luta, pois tenho conversado sobre isso, conheço a área, estive lá e sei da situação. Essa luta de vocês é extremamente complexa, mas ela não pode ser difícil, por uma simples questão, vocês estão morando numa área pública, construída pelo Poder Público, com financiamento público, portanto, é nossa. Ela é nossa.

E mais um detalhe, é assim que penso, e eu não me importo de jeito nenhum, há uma área pública, construída com recursos públicos, destinada a uma coletividade, a Santíssima Trindade, que não quer ir para lá. Vocês querem, estão lá, moram lá, bebês já nasceram lá, e não vamos admitir roubar a esperança do nosso povo, especialmente quando essa esperança gira em torno da moradia popular para quem precisa e, essencialmente, para as nossas crianças e bebês que estão aí. É assim que eu compreendo. E por que eu digo que é razoavelmente fácil, mesmo que espinhoso o caminho? Vamos conversar com as autoridades no sentido de construir viabilidades de permanência de vocês aí ou em outro local perto. E dinheiro público tem aos montes, nós estamos convivendo com ladrão de tudo que é parte, roubam feito loucos, descaradamente neste País, roubam feito loucos, apadrinhados por empresas bilionárias que roubam ainda mais. E o povo pobre, empurrado para um canto da rua, não é possível. E não me digam, Vereadores que estão aí, da questão do invadir, etc., quem invade a felicidade do povo brasileiro são empresários corruptos, corruptores e políticos corruptos e corruptores. Tem belíssimas exceções, não estou aqui generalizando. Agora, vamos buscar serenamente um olhar e uma oportunidade para todos, eu vejo como viável e acredito que a Câmara, através das comissões que já se falou aqui, do Ver. Cassiá e de outros Vereadores, nós temos condições de intermediar essa questão. Aquele abraço, contem comigo, nós estamos juntos. Vou repetir: moradia para o cidadão de Porto Alegre, essencialmente bebês e crianças, é sagrada para mim.

(Não revisado pelo orador.)

(Manifestações nas galerias.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): Muito obrigado, moradores da Associação Vila Conquista, Porto Novo, que dão um exemplo de civilidade nesta Casa, sejam bem-vindos novamente, quero agradecer em nome de todos os membros desta Casa.

O Ver. Rodrigo Maroni está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. RODRIGO MARONI: Boa tarde, Vereadores, Vereadoras, público que nos assiste pelas galerias. Eu queria, antes de mais nada, fazer uma saudação ao pessoal que vem aqui lutar por moradia. Não é a primeira vez que subo aqui para defender que todos

tenham moradia, mas, infelizmente, a realidade de desigualdade no País é muito grande. Acho que, por justiça social, quando morar é um privilégio, nem todos têm condições, assim como ter um emprego, infelizmente nem todo mundo tem emprego, não porque não queira, mas porque hoje temos 14 milhões de brasileiros desempregados, e morar acaba sendo um ato de sobrevivência. Então, faço uma saudação especial.

Eu, que sou um cara que tem uma posição muito flexível, hoje quero anunciar, Ver. Janta – não tinha anunciado ainda –, a minha entrada no Governo. Anuncio por vários fatores; o primeiro deles é o fator de que, estando no Governo, sempre facilita para colaborar; o papel da oposição sempre é muito fácil, é como falar do casamento do outro; quando tu falas do casamento do outro, sempre vai achar defeito, ou falar do pátio do outro. O difícil é tu construíres o teu próprio jardim e a tua própria relação, também num governo é difícil. Eu sou daqueles que acho que é mais importante tu ajudares a construir a simplesmente criticar, porque a crítica é muito fácil, eu poderia ficar aqui cinco, dez anos dando pau em tudo e ser uma referência por isso. Acho que é fundamental a gente tentar ajudar a construir a solução.

Quero chamar atenção para duas coisas que tenho sentido. Eu sempre fui muito ponderado, Vereadores Cecchim, Moisés, Comandante Nádia, e vocês sabem, em respeitar todos os partidos, inclusive todas as opiniões. Quero dizer que tenho o maior respeito e admiração por pessoas do PT, do PSOL, assim como tenho pelo PSDB, pelo Partido Novo. Mas o que aconteceu ontem aqui é uma vergonha. E eu quero aqui me direcionar à Ver.^a Sofia Cavedon e ao Ver. Roberto Robaina, em duas situações: o primeiro que pulou ali – está em todas as filmagens – foi um militante vinculado a ti, da democracia socialista, do teu grupo político. Quando eu perdi aqui a Secretaria dos Animais, que era cara para mim, eu não pedi para protetora nenhuma invadir aqui, e se tivesse invadido, eu teria pedido para ela se retirar.

(Aparte antirregimental da Ver.^a Sofia Cavedon.)

O SR. RODRIGO MARONI: Eu não estou te responsabilizando, eu estou dizendo que tem que ter atitude. Se eu fosse o Ver. Valter, ontem - e quero fazer aqui uma saudação a ele -, eu tinha entregue a presidência da Câmara para ti. Porque na hora de mediar aqui, não tem mediação. Quando tem conflito, Ver.^a Sofia, é fácil dar berro – eu sou bom de berro

também -, quando tem conflito tem que mediar quem tem direcionamento. Seria muito fácil, no dia em que foi extinta a SEDA aqui, Wambert, eu ter dito para as protetoras pularem e pararem a votação. Seria muito fácil eu fazer isso, chamá-las aqui, ou se elas tivessem invadido por vontade própria, Ver.^a Sofia, eu ter, no mínimo, dito para elas se retirarem. Não pode ser que quando se ganha, como foi há 15 dias, quando os servidores ganharam o reajuste; quando perdem, ainda vêm filmar, como infelizmente alguns Parlamentares fizeram. Eu cito aqui os Vereadores Fernanda e Roberto que dizem que é manobra seguir a votação. A Câmara ou se ajoelhava ontem, se acovardava e aí é só invadir, ou é manobra, Ver. Valter. Eu quero lamentar e dizer que foi manobra gravarem vídeo na frente da sala de votação. Ou seja, se a votação, se eles não estavam convocados, foram gravar na frente da Brigada Militar para dizer que é manobra, se estavam a cinco metros da votação. O que estava se seguindo era o trabalho. Aqui ninguém é cagão! Ninguém é cagão! Não pode ser que se bote as galerias e intimidem os Vereadores a votarem como querem. E eu quero avisar os servidores que eu sempre fui parceiro, sempre ouvi Simpa, sempre ouvi Sindicâmara, sempre votei, em qualquer votação aqui, pelos servidores. Inclusive, muitas vezes, brigando com os Vereadores, votando contra o reajuste dos Vereadores e a favor dos servidores. Vocês estão perdendo um parceiro, não na sua maioria, porque eu vejo, inclusive, servidores da Casa publicando coisas contra Vereador! Ontem, aqui, eu estava discutindo, Ver. Valter – tu não viste, Valter? – e servidores da Casa estavam fazendo política, o que eu acho legítimo; acho legítimo que cada um tenha a sua opinião. Mas pegando...

(Manifestações nas galerias.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): A palavra do Vereador será garantida.

O SR. RODRIGO MARONI: Eu quero dizer o seguinte: eu sempre fui parceiro do servidor, mas ver este tipo, para os próprios servidores conversar com o servidor e ver esses que estão pegando projeto, orientando Vereador aqui de como fazer... Tu imaginas se a gente fosse falar de um servidor aqui especificamente! É perseguição! É perseguição política! Ia para a capa do jornalzinho da Ver.^a Sofia! Agora, o contrário pode. O contrário é legítimo. Eu sempre defendi a igualdade. Bater ponto, fazer as mesmas coisas, todo o mundo é

funcionário. Sei da constituição dos funcionários, sou filho de funcionário público. Agora, estão perdendo o parceiro. Estou avisando aqui, parceiro! Tem que conversar entre os servidores. Não podem ficar publicando no Facebook, porque, imaginem se eu botar contra os servidores no Facebook!

(Aparte antirregimental.)

O SR. RODRIGO MARONI: Não, tem, sim! Eu te dou o nome e o sobrenome. Foi, inclusive, meu colega de faculdade. Que ele não gostava de mim, eu sei, lá na época do movimento estudantil. E não foi só contra mim, porque eu pensei que era só contra mim, Valter. Não é só contra mim. E não é intimidar.

Eu quero dizer aqui que, em momentos de conflito, tem que entregar a presidência para a Ver.^a Sofia ou para o Ver. Roberto Robaina para conduzir e fazer o que foi feito. Ouvi falar ontem em Comissão de Ética. Não vão dar palco para a Ver.^a Sofia! Não tem que ter o que ela quer – se vitimizar! Não vão dar Comissão de Ética... (Som cortado automaticamente por limitação de tempo.)

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): A Ver.^a Fernanda Melchionna está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

A SRA. FERNANDA MELCHIONNA: Boa tarde a todos e a todas. Eu queria, Presidente Ver. Cláudio Janta, que preside os trabalhos neste momento, pedir que controle o tempo para que eu não seja prolixa, nem use tempo demais.

Eu queria cumprimentar, em primeiro lugar, a Mari, o Alex Sandro, todos vocês que estão aqui lutando pelo direito legítimo à moradia na tarde de hoje. Eu tenho muitas considerações a fazer a respeito do discurso do Ver. Rodrigo Maroni, mas em respeito a vocês que vieram com uma pauta específica, com uma reintegração de posse no pescoço, eu quero me ater, nestes dois minutos, ao problema concreto que existe lá no Porto Novo, neste momento, e que existe de um modo global na cidade de Porto Alegre. Estamos vendo isso há mais de meses, e não só meses porque também é uma política anterior já do DEMHAB, a questão de lavar as mãos em processos de reintegração, de

despejo forçado de famílias, numa cidade que tem 54 mil pessoas inscritas no Minha Casa, Minha Vida e menos de três mil casas entregues. Uma Cidade que tem 700 comunidades irregulares e que poderiam estar sendo regularizadas pelo Poder Público; numa Cidade que tem terrenos públicos que poderiam ser destinados à moradia para vocês, a partir da auto-organização de vocês ocuparem os terrenos e foram vendidos – foram mais de 30 projetos que tramitaram nesta Câmara, como se a Prefeitura fosse uma imobiliária e não um órgão para zelar pelo direito constitucional à moradia. Porque aqui ninguém do DEMHAB se atenta ao tema central, que está previsto como direito fundamental e que o Município é parte dos processos de mediação, de solução, de reassentamento, de busca por alternativa. E, honestamente, com todo o respeito aos técnicos e tal, porque essa é uma orientação política do Governo, dizer que vocês têm que se cooperativar para resolver o problema da moradia digna é inaceitável. Então, eu queria propor, acho que a Mari fez um encaminhamento de uma reunião da CUTHAB, o nosso Presidente, Ver. Dr. Goulart, tem sido muito diligente ao receber as pautas do povo. Acho que nós temos que fazer, sim, uma audiência de mediação, de conciliação, ouvir vocês, buscar alternativas e não aceitar o discurso de que quem ocupa pelo direito a morar é invasor; é povo pobre que não tem onde morar, vítima dos governos – maus gestores, da corrupção, da casta política e dos privilegiados que não governam para os interesses populares. Obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): O Ver. Valter Nagelstein está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

O SR. VALTER NAGELSTEIN: Sr. Presidente, eu quero dizer aos nossos visitantes que o problema da habitação popular é um problema muito importante e que precisa ser resolvido, obviamente. Mas como é que se resolve? Tem que se desenvolver uma política no âmbito do Município, porque não adianta a gente ficar esperando só recurso da Caixa Econômica Federal, ou do Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal. A Cidade tem instrumentos, dentro do Estatuto das Cidades, que permitem que se faça o desenvolvimento urbano e que se retire dos ricos, sem querer fazer o que a esquerda prega, mas com a venda do solo criado, que se chama de direitos do ar, para construção

civil. Retira-se esse dinheiro, vendem-se esses índices e se aplicam esses valores para a construção popular. Porto Alegre tem uma legislação que determina que 80% do valor do solo criado, das construções de um modo geral, sejam revertidos para a habitação popular. Se isso fosse efetivado, nós enfrentaríamos o problema tão grave da habitação popular e retiraríamos esse discurso muitas vezes demagógico. Mais um outro fenômeno que não é demagógico, que é real, é o da gentrificação, que é jogar as pessoas mais pobres para as periferias das cidades. Agora, para isso, Sr. Presidente, tem que ter a compreensão de que construção civil não é um fenômeno de especulação imobiliária, é um fenômeno econômico, e aí não tem que criar dificuldade para a construção civil, ao contrário, nós temos que estimular esse mercado, porque esse mercado estimulado e aquecido compra índice construtivo e esse dinheiro vai para o caixa da Prefeitura, e esse dinheiro é aplicado em infraestrutura urbana, que é creche, que é hospital, que é praça e principalmente habitação popular.

Então o que eu estou esperando e desejando é que esse Governo consiga ter essa visão, consiga desenvolver uma política que torne o Município de Porto Alegre autossustentável na questão da habitação popular, e aí nós vamos poder enfrentar esse flagelo que é o problema da subabitação, das ocupações, que muitas vezes servem, simplesmente, para que certos Partidos políticos acabem, infelizmente, utilizando as pessoas que estão desesperadas, e com razão, como massa de manobra, vendendo esperança. Vendendo um terreno na lua ou no céu, e, na verdade, não existe sustentabilidade para isso.

Para concluir, Sr. Presidente, quero dizer, então, do meu apoio, eu sou um estudioso, um dedicado a essa questão, eu estou interessado em resolver esse problema para além da demagogia.

Por último, Presidente, só para fazer um registro, existe uma coisa que se chama Estatuto do Servidor Público, ao qual todos nós fizemos juramento e assinamos compromisso, inclusive servidores do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário. Quando um servidor ofende o Estatuto do Servidor Público ele ofende o juramento que ele fez e ele está sujeito a ser responsabilizado por isso. Então eu espero que quem esteja dentro da Câmara ou do Executivo ou em qualquer lugar atacando um poder que ele fez o juramento de ser leal e defender, inclusive na pessoa dos Vereadores, que essa pessoa seja, na forma da lei, eu não estou falando em arbítrio, estou falando em estado democrático de direito, que essa pessoa seja, na forma da lei, responsabilizada, porque

do que o pobre precisa é de justiça. Mas do que o Brasil precisa, para além da questão dos pobres, também é de justiça. Muito obrigado. (Palmas.)

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): A Ver.^a Sofia Cavedon está com a palavra para uma Comunicação de Líder, pela oposição.

A SRA. SOFIA CAVEDON: Sr. Presidente, Ver. Cláudio Janta; prezados representantes, moradores da Vila da Conquista, eu já sabia do tema – Porto Novo, entendi, claro a Associação dos que estão no Porto Novo, sei, conheço o tema, ainda não muito próximo, mas conheço a demanda. O Ver. Airto Ferronato caracterizou muito bem. No que vou insistir e pedir, inclusive, desculpas, pois fiquei constrangida. Sobre um tema tão importante, candente, só quem passou uma noite fria na rua deve saber o que significa a ameaça de não ter casa, e aqui estarmos tratando de um outro tema, tão mesquinho, de ataque entre Vereadores. Quero dizer a vocês que é fundamental que o DEMHAB assumo o seu papel de mediador para a conquista do direito. O DEMHAB tem os instrumentos na mão para fazer essa negociação entre os grupos de família, com a Caixa Econômica Federal, é inaceitável que a única política da Cidade seja colocar na rua quem luta por moradia! Inaceitável. Contem conosco, estamos com vocês.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): O Ver. Reginaldo Pujol está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

O SR. REGINALDO PUJOL: Sr. Presidente, senhores representantes dos moradores, plateia que nos ouve, acho que o diagnóstico está muito bem feito, alguém aqui já disse que não vai ser discursando aqui que nós vamos resolver a situação. Existe um fato concreto, existe uma ação judicial como espada sobre os ombros de todos os senhores. O que nós vamos fazer? Vamos continuar discursando aqui? Dando solidariedade para vocês, isso não vai resolver o problema. Eu tenho autoridade para falar, eu dirigi o DEMHAB duas vezes. No meu tempo, a gente resolvia os assuntos. Tenho mais autoridade ainda, o programa Minha Casa, Minha Vida, anunciado com todas as

fanfarras, eu disse que não ia dar certo, e não deu, vocês são testemunhas disso. O lugar que vocês estão ocupando - invadido, ou seja lá o que for -, estava lá pronto e ninguém entrava, então, vocês entraram, estavam com necessidade de ocupar. Essa é a verdade. Então, uma série de erros e de omissões, etc., que não vale a pena estar discutindo agora. Agora, é preciso discutir o que nós vamos fazer de concreto neste assunto. Nós vamos deixar que a decisão judicial se complemente, que o Oficial de Justiça vá levá-la a desocupação de vocês? Não! Para nós darmos mais discurso aqui, sermos mais solidários? Eu não quero ser mais solidário com vocês, eu quero atuação! Exijo que a Comissão de Justiça da Casa, exijo que a Comissão da Habitação assumam este assunto e coordenem uma saída qualquer. Não mais discurso! Saída! Solução! (Palmas.)
(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): Agradecemos a presença do Sr. Alex Sandro Nunes da Rosa, da Associação de Moradores Vila da Conquista - AMOVIC. Quero dizer à Mari, do Porto Novo, a todos os moradores do Porto Novo, ao Alex, o nosso parceiro e amigo solidário aqui, que 12 bancadas intervieram aqui hoje, todas apoiando a luta e a causa do Porto Novo, membros de Comissão desta Casa, como a CUTHAB e a CCJ e outras irão, com certeza, procurar uma forma de ajudar vocês. Esta Casa, a Casa do Povo de Porto Alegre, está à disposição de vocês. Em nome da Mesa Diretora, quero agradecer vocês por terem vindo até aqui e a postura que tiveram durante toda esta Sessão. Muito obrigado. (Palmas.)

Estão suspensos os trabalhos para as despedidas.

(Suspendem-se os trabalhos às 15h17min.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): (15h19min) Estão reabertos os trabalhos.

A Sra. Fernanda Melchionna (Requerimento): Sr. Presidente, com o aval do Ver. Reginaldo Pujol, solicito a transferência do período de Grande Expediente para a próxima Sessão.

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): Em votação o Requerimento de autoria da Ver.^a Fernanda Melchionna. (Pausa.) Os Srs. Vereadores que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) **APROVADO.**

Nós temos três leis a serem promulgadas. Vou pedir para que o Ver. Cláudio Janta, o Ver. Idenir Cecchim e o Ver. Mendes Ribeiro estejam conosco aqui na Mesa para que possamos proceder aos atos de promulgação dos três projetos, para que se tornem leis, nesta tarde.

(Procede-se à assinatura das leis.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): Passamos às

COMUNICAÇÕES

O Ver. Idenir Cecchim está com a palavra em Comunicações, por cedência do Ver. Alvoni Medina

O SR. IDENIR CECCHIM: Sr. Presidente, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores, o inglês diria *day after*, eu digo dia seguinte. Hoje é o dia seguinte, Ver. Maroni. Quero lhe cumprimentar pelo discurso, que é um discurso de não ter medo da democracia, um discurso que todos nós devemos ter como norte, porque não vai ser o grito que vai mudar o meu voto, nem o seu, nem os dos demais colegas Vereadores aqui. Nós votamos com a consciência. Muitas vezes, nós somos convencidos a mudar a nossa opinião, mas jamais mudaremos a nossa consciência; a consciência não se muda, muito menos no grito – aí, sim, no grito, eu não mudo nem de opinião! Convencido com bom argumento, eu me dobro; já me dobrei e me dobrarei quantas vezes forem necessárias. Mas no grito e na pressão física – não, mesmo! Nós fizemos votos, nós queremos ser Vereadores de Porto Alegre, ninguém me forçou a estar aqui. Quem é candidato é porque quer ser candidato, quem é Vereador é porque quer ser Vereador. No momento em que eu quero ser Vereador, eu não permitirei nunca que, na pressão e no grito, mudem o meu voto, e não mudarei. Eu voto de acordo com a minha convicção e, principalmente, com a minha consciência.

Ontem nós assistimos aqui tudo aquilo que a sociedade não quer ver. Eu recebi centenas de manifestações favoráveis aos vereadores que fizeram uma sessão lá em cima, que não se dobraram à força física de uma invasão, não! Nós não vamos nos dobrar à invasão qualquer que seja, principalmente do plenário. É a segunda vez que eu assisto a isso. Felizmente, eu vejo que a sociedade não aguenta mais esse tipo de pressão. A sociedade renega, tem nojo desse tipo de atitude, tem nojo! Quem dá esse nojo são as pessoas que fazem isso, que protagonizam, que lideram e que sobem na mesa do Presidente da Câmara de Vereadores.

Quero cumprimentar o Vice-Presidente Valter Nagelstein, que estava no exercício da presidência ontem, porque se portou como um verdadeiro Presidente da Mesa, Ver. Cassio, V. Exa. que tinha se retirado no momento para dar ouvido à democracia, para analisar um requerimento da oposição e quando voltou estava a Mesa tomada. Mas não tomaram a presidência, Ver. Valter, V. Exa. ficou firme no seu lugar! Isso nos deixou a todos orgulhosos, porque nem o Parlamento nem os Vereadores, muito menos o Presidente, não têm espinha dobrada. Não têm espinha dobrada, para os Vereadores de bem, para os Vereadores que defendem a sociedade. E eu tenho certeza de que a nossa, de ontem, foi na defesa não só nosso, foi na defesa do que pensa a sociedade; a grande maioria da sociedade, a grande esmagadora maioria; 90,95%. Ninguém mais quer pagar para ninguém. Nós temos 1 milhão e 400, quase 1 milhão e 500 mil habitantes em Porto Alegre, e nós somos Vereadores de todos, nós não somos Vereadores de grupos que pressionam. Esses grupos que estavam aqui ontem e que invadiram a Casa não representam nem mesmo a maioria dos funcionários públicos, claro que não, a grande maioria dos funcionários públicos estavam trabalhando. Obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): A Ver.^a Mônica Leal está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

A SRA. MÔNICA LEAL: Presidente, Cassio, colegas; funcionários desta Casa; pessoas que nos assistem, eu quero dizer a todos que foi uma pena que não apostei, antes de entrar no plenário ontem, no que aconteceria. Porque, em todos os momentos, em que pude, para as pessoas que estavam ao meu lado, eu deixei bem claro o movimento que

aconteceu iria acontecer. Ora, quem viveu a invasão desta Câmara em 2013 – e eu participei, assistindo – sabe que esses movimentos são organizados. O que estava aqui ontem nada mais era do o objetivo único de invadir o plenário. Primeiro, o de esvaziar o plenário para não acontecer a sessão, a votação e, depois, a invasão. Eu estava exatamente observando as galerias quando o primeiro vândalo, porque isso não é cidadão, uma pessoa que invade o plenário. E esta Casa aqui é uma Casa desarmada, os guardas não estão armados, os vândalos, baderneiros que invadiram este plenário estavam muito organizados. Mais uma vez, tinha um Suplente de Vereador aqui, do PSOL, aliás, ele está em todos os movimentos. Ora, senhores, eu acho interessante que as pessoas que compõem esse bando de baderneiros, vândalos, de criminosos, destruidores, querem respeito às suas opiniões, mas não respeitam opiniões. O que nós assistimos, na tarde ontem, aqui, nada mais foi do que a confirmação daquilo que venho dizendo há muito tempo, após a invasão de 2013, que tivemos aqui, neste plenário, por 10 dias, baderneiros, criminosos, fumando maconha, bebendo *whisky*, pelados, destruindo o plenário, usando a sala da Taquigrafia como se cozinha fosse. Lembro muito bem disso, nunca me esqueci. Era essa a intenção, era isso que ia acontecer aqui, mais uma vez. E reafirmo e quero reforçar que esta Casa é um parlamento completamente desarmado. Nós corremos risco de vida aqui ontem. A forma como ocorreu foi violenta, um Vereador estava falando na tribuna quando um bando de desajustados invadiu o plenário, teve gente que subiu em cima da mesa. Nós temos todos os filmes, alguém tem alguma dúvida que isso não é um movimento organizado? Ver^a. Nádia, quero falar para a senhora, como mulher, neste momento, temos que fazer uma reflexão e tomar providências, porque não é nem uma, nem duas vezes que assisti a pronunciamentos nesta tribuna fortes, agressivos, acusando partidos, pessoas, mas depois, no corredor, nós recebemos um abraço, um pedido de desculpas. Ou seja, se ofende em público, mas se pede desculpas ao pé do ouvido. Esse é o modelo do Ver. Roberto Robaina, novo Vereador nesta Casa, que fez isso com a Ver. Nádia e comigo, acusa o partido, coloca todo mundo numa sacola. Nós não vamos mais admitir nem eu, nem a Ver^a Nádia, essa é uma conversa que nós tivemos. Daqui para frente, as coisas não vão acontecer dessa maneira! Aquele que subir à tribuna e fizer uma acusação vai responder por isso, aquele que ofender também vai responder por isso. Esta Casa tem que ter uma comissão de ética para o que aconteceu ontem e para o que vem acontecendo. Eu quero saber se

algum desses Vereadores ou esta Vereadora ou a Ver.^a Nádia, por acaso, utiliza a tribuna para agredir, para ofender os outros. Não acontece. Daqui para frente, nós vamos tomar providências, Ver.^a Nádia. Obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Moisés Maluco do Bem está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. MOISÉS MALUCO DO BEM: Boa tarde, boa tarde aos presentes, boa tarde aos colegas; eu não poderia deixar de fazer uso da palavra. Eu vou tentar não partidarizar esta discussão, eu apenas vou falar do triste dia de ontem, dizendo o que eu falei hoje na reunião de líderes desta Casa. Não me importa se é esquerda, se é direita, se quem está no poder contra quem está fora do poder e o quer, não importa se serão cumpridas regras morais ou política de boa vizinhança. Sempre, nesta Casa, sempre – eu disse isso em alto e bom tom na reunião de líderes – que acontecer algo semelhante ao que aconteceu ontem, eu me comportarei da mesma forma de ontem. Não me importa se esse radicalismo é de esquerda ou de direito, porque existem os dois. Se estivesse aqui nesta tribuna qualquer Vereadora ou Vereador da oposição, eu faria o que eu fiz ontem, Ver. Cecchim: sairia dali e viria para cá para defender o Vereador, que foi honrado por seus milhares de representantes da população de Porto Alegre, que, na sua maioria, não estava aqui ontem e não se comporta do jeito que aqueles – desculpem, não são todos – meliantes e vândalos se comportaram nesta Casa ontem. Aquilo é uma afronta à democracia, aquilo me lembra da época do colégio, Prof. Alex, que vinha sempre um brutamontes no meio da quadra e dizia assim: “Ou eu joga, ou eu escolhambo”. Era assim no colégio. Quando houve derrotas aqui, vários Vereadores não se posicionaram da forma triste que eu vi algumas pessoas relacionadas a partidos ou sindicatos ontem. Eu não acredito que a maior parte dos Vereadores aqui – e eu não estou responsabilizando ninguém em especial – compactue com esse tipo de coisa, não quero acreditar.

Aos colegas desta Casa que não são Vereadores, mas aos funcionários, ao pessoal da Guarda Municipal – e eu gostaria de falar diretamente para a Guarda Municipal –, que fez uma tarefa importante aqui ontem, de tentativa de reocuparmos o trabalho, ao colega Ver. Valter, que estava conduzindo a Casa, o nosso muito obrigado, e se algum de vocês for

vítima de mentira de agressões que não aconteceram, podem me chamar, porque serei testemunha, como vários Pares desta Casa.

Mudando a pauta, quero falar sobre alguns colegas que às vezes vêm a esta tribuna falar, aí sim, mentiras, e dizer que o nosso Governo vai privatizar o Hospital Presidente Vargas, que nós vamos vender o Ginásio Tesourinha, fazendo terrorismo para angariar votos. E a gente sabe como é que se lida com o jeito de velho populismo e da politicagem. Quero elogiar a Secretaria da Saúde, o Secretário Erno, pelo anúncio de hoje, importante para todas as pessoas – para mim, como membro da COSMAM, o Ver. André Carús, o Ver. Aldacir Oliboni e outros Vereadores que estão aqui: foi anunciado hoje o aumento de leitos no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas. O setor de internação pediátrica vai aumentar cinco leitos, que vão de 16 para 21, e também a emergência aumentará cinco leitos.

Também uma notícia muito boa ao Líder do Governo, Ver. Cláudio Janta, e ao Presidente Ver. Cassio Trogildo: segunda-feira, às 11h, no Hospital da Restinga – muito obrigado a esta administração e ao Secretário Erno, que vem fazendo um brilhante trabalho, ao Pablo e a todos os técnicos e funcionários municipais –, o lançamento do Projeto Teleofalmo, onde serão feitas consultas de oftalmo por telemedicina, com aquisição e distribuição de óculos para a população. Muito obrigado; a gente está aqui para reconhecer os acertos.

Falar dos Vereadores também, dos colegas que ontem, mesmo sendo contrários ao projeto, estiveram cumprindo com seu juramento e votaram democraticamente contra o projeto, mas honraram seu juramento e esta Casa. Foi uma honra ter estado com vocês na Sessão de ontem.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. João Bosco Vaz está com a palavra em Comunicações, por cedência de tempo do Ver. Mendes Ribeiro.

O SR. JOÃO BOSCO VAZ: Sr. Presidente, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, sobre ontem, vamos fazer uma analogia. Vou para minha área profissional. Temos aqui o Tarciso, que foi ídolo, o Cassiá que foi ídolo, lá em cima está o Jurandir que foi ídolo, marcou o Falcão, num Gre-Nal e acabou com o Falcão. No futebol, se ganha na bola! Não

tem invasão de campo, não se ganha na invasão de campo e não se ganha no tapetão. Vou repetir: No futebol, se ganha na bola! E aqui temos que ganhar ou perder é no argumento, no voto. É isso que precisamos exercitar aqui. Aí dizem que a Casa é do povo. A Casa é do povo, mas não é a casa da mãe joana! A Casa é do povo, mas não confundam democracia com anarquia. A Casa é do povo, Ver. Valter, mas o povo não respeita a Casa e fez o que fez ontem. Eu, desde o início, me posicionei que votaria contra, não tive medo de subir lá e votar contra, que era o papel que a oposição, que vocês que pediram nossos votos deveriam ter feito, de subir, enfrentar eles e dizer: sou contra! Aí ficamos nós lá, jogados, discutindo contra vinte. E a oposição estava onde? Vou dizer qual vai ser o resultado disso que fizeram ontem aqui: vocês estão empurrando para o colo do Governo vários independentes que estão aqui. Isso é ruim para quem tem posição de matérias importantes para contrariar a Administração que aí está. Isso é ruim! E eu sou um que estou reavaliando, em algumas matérias, o posicionamento que vou tomar. Ontem eu cumpri com o meu dever, tinha dito que votaria e votei. A partir de agora, vou ver como vai ser, não é possível, não é admissível o que aconteceu aqui – não é! Vou repetir: ninguém ganha no futebol invadindo o campo ou no tapetão, não adianta, agora, Ver.^a Fernanda, querer ir para a Justiça, porque aquele artigo que a senhora argúi ali, aquilo é para convocar somente no recesso: convocação extraordinária, no recesso. Aqui a gente faz três, quatro, cinco sessões extraordinárias para correr pauta! Vocês não foram porque não quiseram. A Ver.^a Sofia Cavedon respondeu no nosso grupo do WhtasApp que estava na delegacia. O Ver. Alex estava em frente, saiu, não quis entrar, o que é um direito. Agora, nós, que fomos votar contra, ficamos jogados lá, os senhores nos abandonaram lá! Não sei se foi por algum interesse ou por medo. Então, ou se é parceiro ou não se é parceiro!

O Sr. Mendes Ribeiro: V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador.) Ver. João Bosco Vaz, quero cumprimentá-lo pelo seu pronunciamento. Quero dizer que hoje, no meu tempo de Comunicação, eu iria falar sobre coisas boas da Cidade, no caso, a minha Semana do Jovem Empreendedor que promovi na Cidade, mas lamentavelmente o fato ocorrido ontem nesta Câmara impede que eu fale sobre esse assunto. O que aconteceu ontem foi lamentável, uma coisa que não cabe fazer, um desrespeito conosco, Vereadores, e com os eleitores que nos colocaram aqui para representar a cidade de

Porto Alegre. Então, por isso, cedi o meu tempo a V. Exa. para que fale desse assunto lamentável que ocorreu ontem, e eu deixo de falar do meu assunto tão importante, da Semana do Jovem Empreendedor de Porto Alegre, que viabilizou vários cursos de empreendedorismo a muitos jovens desta Cidade.

O SR. JOÃO BOSCO VAZ: Para encerrar, quero comunicar o seguinte: não recebo, no meu gabinete, mais ninguém do Simpa! Para os Vereadores que quiserem conversar comigo, que precisarem do meu voto, que me convencerem, as portas estão abertas! Pessoal do Simpa, no meu gabinete, não precisa ir! Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Tarciso Flecha Negra está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. TARCISO FLECHA NEGRA: Sr. Presidente, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores, público que nos assiste, boa tarde. Sabem que eu estou procurando entender, lendo, estudando, conversando com as pessoas, com políticos, o que é democracia. Eu não consegui entender o que é democracia ainda. Sinceramente. Pô, mas tu és Vereador! A democracia uma hora ela é boa para isso, outra hora ela não é. É uma confusão! Eu quero dizer que o meu voto, quando eu voto, assim como o Ver. João Bosco Vaz falou, não se ganha no tapetão! Eu cansei de jogar na Argentina, na Colômbia, em guerra, e nós íamos para dentro para ganhar, e ganhamos deles vários jogos, mas perdemos também. Então eu sei perder e sei ganhar. Eu não sou oposição, não sou situação; eu sou independente. E o meu voto, eu faço ele aqui dentro. Agora, se eu for cobrado lá fora, eu vou errar com o meu pensamento. Sobre ontem, eu não sou favorável à invasão. Não sou. Fiquei muito triste ontem. O meu voto era contra o Governo. Eu só não estive lá na sala para votar, porque quando eu cheguei em casa recebi um *e-mail* e já estava terminando a votação, não adiantava eu voltar. Não corro da briga, da boa briga, nunca corri nos meus 65 anos. Aprendi na minha casa que democracia é respeito. Então, o meu voto eu quero que todo mundo respeite, não vai ser A ou B, só tinha duas pessoas aqui que me fariam trocar o voto, mas eles não estão mais aqui, que são meus pais, e eles sempre disseram para mim que o voto é meu. E, quando eu tiver que votar com o

Governo, vou votar com o Governo, sim, pode ter vaia, pode ter o que quiser. Quando tiver que votar contra o Governo, vou votar. Por isso que eu não vim aqui em cima falar que estava com eles, porque eu não quero aplausos. Aplauso eu ganhei no Grêmio, no Goiás, no Cerro Porteño. Não quero aplauso, o que eu quero é, em 2020, quando encerrarem meus quatro anos de mandato, poder perguntar para mim mesmo se eu fiz uma boa vereança. Era isso, Sr. Presidente. Obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): A Ver.^a Fernanda Melchionna está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

A SRA. FERNANDA MELCHIONNA: Sr. Presidente, eu fico espantada com a indignação seletiva que vemos aqui na Câmara de Vereadores. Fico, de fato, espantada. E venho com toda a tranquilidade a esta tribuna falar e responder à Ver.^a Mônica - e pedi que ela ficasse, porque gosto da polêmica olho no olho, não esperaria que ela estivesse em outra agenda e não pudesse me ouvir -, dizendo que, quando ela vem na sua fala demonstrar indignação diante de uma fala política na tribuna contra outra Vereadora, e eu nunca a vi usar essa mesma solidariedade na tribuna quando eu cansei de ser atacada politicamente, aos gritos, por outros Vereadores. E eu nem gostaria, porque nós, aqui na tribuna, temos muitas diferenças. Hoje, na reunião de Líderes, eu o Ver. Janta gritamos muito um com o outro. Embora eu ache que o machismo faça parte em vários momentos da política, como, por exemplo, quando dizem que roupa devemos usar; para falar de uma mulher, se fala como ela é bonita e não da capacidade que ela tem, quando nós ocupamos 12% dos parlamentos... Eu não trato diferença política como machismo ou ofensa pessoal. Aliás, Mônica, gostaria que tu fosses solidária quando a Nádia, ontem, fez uma afirmação caluniosa e difamatória contra o PSOL. E tu não foste conosco! Ao contrário, usa a tribuna sistematicamente para criminalizar os militantes do PSOL – meu querido João Ezequiel não é mais Vereador suplente, infelizmente não quis concorrer, gostaria inclusive que fosse Vereador titular, mas não é, não quis concorrer –, militantes do movimento social, métodos e táticas de ocupação de plenário, etc e etc, e eu não vejo essa veemência para falar dos verdadeiros vândalos que estão quebrando, é verdade, o País, estão quebrando pela corrupção, estão quebrando na política e na economia que

defende os ricos, estão quebrando o País fazendo as verdadeiras bandalheiras que nós estamos vendo em Brasília. Eu não vejo essa veemência. É muito fácil chamar de violento o rio que tudo arrasta e é difícil ver as margens que oprimem – não sou eu que estou dizendo, é Bertolt Brecht, para não cometer plágio na tribuna. Eu digo isso com toda a tranquilidade, porque tenho a convicção de que a reação na Câmara, ontem, e toda a situação de tensão – de tensão! – que nós vivemos foi fruto, sim, de uma política autoritária e deliberada do Governo Marchezan. Não só no pacote, que é um ajuste brutal aos servidores, mas também nas ameaças num dia sim e no outro também nas redes sociais. Aliás, ataca também os Vereadores, mas cada um sabe de si, porque eu jamais aceitaria calada ser chamada de covarde – jamais aceitaria! –, como não aceitei. Eu sei que tem vários Vereadores independentes que também não aceitaram e usaram a tribuna para cobrar o Marchezan, não todos, mas muitos fizeram. Não só por isso, mas também pela forma como a Sessão se estabeleceu. E teve um boato de que o MBL tentou mobilizar nas redes sociais e não conseguiu juntar dez, veio para cá em uma tentativa de separar as galerias, as tensões provocada por esse grupo, um empurra-empurra. Nós não somos a favor de nenhuma agressão, mas eu também fui agredida. E a solidariedade aqui é seletiva, fui agredida pelos seguranças pagos pela Casa! Pagos pela Casa ainda. Mas aqui parece que existe uma seletividade nas agressões: os que podem e os que não podem. Os Vereadores de primeira e os Vereadores de segunda classe. Todo mundo tem mandato igual! Eu não acho que tem Vereador de primeira e de segunda classe. Tenho adversários, pessoas de que penso diferente, mas não acho que haja Vereador de primeira e de segunda classe.

Em segundo lugar, honestamente, quero dizer ao Ver. Maroni que não é o PR ou nenhum Vereador que vai dizer onde o PSOL ou a oposição estará ou deixará de estar. Nós não fomos na reunião de ontem, porque foi uma reunião a portas fechadas, com o BOE, convocada com 16 minutos de antecedência, ferindo, sim, o Regimento – e mesmo que entre no debate jurídico, o que vai acontecer –, na calada da noite, na sala das Comissões, como nunca antes visto neste Parlamento, e não tem o nosso respaldo. Tem Vereadores da oposição, e eu quero deixar esse registro na tribuna, que sequer receberam *e-mail* de convocação. O Ver. Oliboni não recebeu, o Ver. Alex Fraga não recebeu. Eu, Fernanda Melchionna, não participei porque desconhecia a reunião; não participei porque não legítimo essa reunião. Não legítimo uma reunião a portas fechadas...

(Som cortado automaticamente por limitação de tempo.) (Presidente concede tempo para o final do seu pronunciamento.) Não legítimo uma reunião a portas fechadas, com forte policiamento do BOE, que deveria estar fazendo segurança nas ruas para a população, não legítimo que se faça... Alguém falou aqui, eu tenho o maior respeito, ouvi atentamente o Ver. Bosco e explico porque nós não fomos à Sessão, mas alguém falou aqui qual era o objetivo. Independente de analisar os métodos, eu tenho a convicção de que o objetivo dos servidores era não ter um confisco de 8% nos salários, promovido pelo Governo Marchezan, numa Cidade que não repõe a inflação, que confisca salário e que vota um projeto inconstitucional pela Procuradoria e pelo Parecer da Comissão de Constituição e Justiça. Honestamente, qual era o objetivo dos servidores? Não perder direitos. Não, eu não estou discutindo os métodos, só estou dizendo que a situação de tensão criada pelo próprio Governo leva a reações como nós vimos ontem. Bom, eu quero concluir, agradecer a deferência do tempo e dizer que nós não aceitaremos sensores. Sensores, não. Ameaça, etc. e etc., façam, mas nós temos a convicção do papel que nós cumprimos e temos a convicção da posição política que nós tomamos de não respaldar reuniões, na calada da noite, na forma como foi feita, na noite de ontem.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Rodrigo Maroni está com a palavra em Comunicações, por cedência de tempo do Ver. Moisés Maluco do Bem.

O SR. RODRIGO MARONI: Eu queria seguir a minha fala porque eu só tive cinco minutos para falar. E quero falar que eu tenho um carinho pessoal pela Fernanda, a gente, de forma muito respeitosa, até dormia um na casa do outro, como amigos, na época da adolescência. Eu falo isso tranquilamente: dormi no sofá, ela tinha um namorado, que, inclusive, era meu parceiro. Falo isso para a Fernanda com a mesma franqueza de quando éramos adolescentes e jovens.

Ontem eu subi aqui para falar do MBL, só que, Fernanda, eu vou dizer uma coisa que o Bosco disse, e que, na minha opinião, define muita coisa: talvez seja uma tática de isolamento de vocês, mas, quanto mais vocês atuam assim, mais vocês se isolam; às vezes se vitimizar é bom. Tu estavas falando aqui, por exemplo, com relação ao machismo. Eu escuto muito sobre o machismo. Qual é a mulher que aceita ser levada

para a cama ou ser condicionada a alguma coisa na obrigação e pela qual vocês não lutam? Isso é uma agressão. E o que aconteceu ontem, teoricamente, é um machismo. Claro que sim. No momento em que tu queres impor uma agressão...

(Aparte antirregimental da Ver.^a Fernanda Melchionna.)

O SR. RODRIGO MARONI: Na calada da noite, Fernanda? Na calada da noite? Sinceramente, tu estavas convocada e foste chamada. Não tinha calada da noite. Nós gostaríamos de ter feito a sessão aqui no plenário. Nós queríamos ter votado aqui. Eu fiquei para votar aqui. Teve que se votar lá, porque não tinha o esvaziamento do Simpa. Quero dizer que outro que eu não recebo mais também é o Simpa.

Quero falar e vou falar, sei que não está aqui, mas que levem para ele: conheço o Roberto desde o movimento estudantil, e quero dizer que não tenho medo do Roberto estar aqui, porque ele é o primeiro a falar de CC e viveu a vida toda de CC; eu desconheço o tempo em que o Roberto trabalhou. Desconheço, e conheço o Roberto há 20 anos. O Roberto sempre foi CC de algum espaço da Luciana do PSOL. Se ele tiver três meses de carteira de trabalho, nesses 15 anos, pelo menos, eu renuncio ao meu mandato. Não tem. Não tem! É quadro político. É indicação. Eu falo isso, porque faz discurso contra o CC.

E quero dizer que eu sou a favor dos servidores. Sou a favor, sempre votei, como falei aqui, mas sou a favor do CC também. Não é a eliminação do CC que cumpre o papel político. O PSOL é um dos que todos os militantes são CCs. A maior parte dos militantes dos quadros são CCs, Fernanda. E eu conheço um por um. O Roberto Robaina, seis meses depois da fundação do PSOL, pediu a minha expulsão do PSOL - ele, tendo sido expulso do PT -, ele tem esse hábito autoritário. E eu não tenho, nunca tive. Eu tinha 19 anos e batia boca com ele, eu falei de gritar aqui para fazer teatro e sair ali e bater nas costas. O Roberto faz isso e pede desculpas, "Eu sou teu amigo, vamos amenizar e não vamos tratar em público". Ele vem aqui e discursa contra o Temer, contra o PMDB, contra o PT, contra isso, contra aquilo, e tem um monte de gente do PSOL, teve até parlamentar do PSOL cassado, teve um bombeiro que se vendeu, teve um Prefeito do PSOL que teve problemas. Quer dizer que tudo que é do outro não vale! Esse é o problema do MBL e é o problema do Roberto. O Roberto caberia no MBL facilmente, porque ele não deixa de ser

um provocador de esquerda; ele poderia pegar o vídeo e ficar aqui gravando. Seria igual. E eu quero dizer que concordo com tudo dentro do microfone. E quero dizer, Cassio, que não podemos deixar o Roberto assumir o microfone, ser Presidente, na marra, no grito, como ele quer fazer. Quando ele não aceita, ele começa a fazer teatro. Isso é uma outra coisa que tem que ser discutida na Casa: a regra é para todos, Fernanda! Eu te escuto, tu me escutas. Agora, não pode ser... Quantas vezes o Roberto já fez isso aqui no sambódromo, nesse tempo que ele está? Quantas vezes ele já rodou a baiana e fez carnaval aqui para ganhar confete? E vou dizer que cada vez estou mais convicto de que os extremos são péssimos. Como é fácil esse discurso de: “na calada da noite”, “por trás do BOE”, “tomamos pimenta na cara”. Eu quero ver se os Vereadores, Sofia, e eu não te acusei aqui, que foram contra a ocupação, gravaram um vídeo dizendo que foram contra a ocupação. Não estimular, chegar ali e falar que vocês tinham acesso! Vocês poderiam ter ido lá votar. E tinha que ser votado aqui! É fácil pegar a câmera e dizer que a Brigada Militar está aqui, que nós somos... Grava um vídeo e diz: “Olha, somos contra o que foi feito aqui”. Vocês inclusive ganhariam em humildade e um pedido de desculpas; isso se ganha sempre. É lamentável a postura do Roberto, como sempre! E eu o conheço há 20 anos, sei de quase toda a história dele para poder relatar aqui, e não tenho medo de enfrentá-lo aqui nem um minuto. Segunda-feira, espero que ele venha aqui responder e quero bater boca com ele, mas no plenário. Mas se ele ficar na gritaria aqui, eu vou ser o primeiro a segurá-lo também.

(Não revisado pelo orador.)

O Sr. Aldacir Oliboni (Requerimento): Nobre, Presidente, nós gostaríamos de fazer um Requerimento, e gostaria de ter a possibilidade de fazer a leitura.

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): Os Requerimentos tem que ser encaminhados por escrito, mas, como estamos em uma Sessão de quinta-feira, temos tempo.

O Sr. Aldacir Oliboni: Está bom. Respeitando aqui todas as formas de pensamento e não entrando no mérito do fato que aconteceu ontem, queria fazer, eu, como autor, Ver. Aldacir José Oliboni, e o nobre colega Ver. Prof. Alex Fraga, o seguinte Requerimento (Lê.): “Sr. Presidente: 1. Considerando que sessão plenária ordinária da Câmara

Municipal de Porto Alegre do dia cinco de julho de 2017 foi encerrada por seu Presidente em exercício em conformidade com o Art. 144 do Regimento Interno da Casa; Art. 144. A sessão será encerrada, antes da hora regimental, nos seguintes casos: I- por falta de 'quorum' regimental para o prosseguimento dos trabalhos, de ofício, pelo Presidente; II- Ocorrência de tumulto, de ofício, pelo Presidente; III- em caráter excepcional, em qualquer fase da sessão, por motivo de luto nacional, pelo falecimento de autoridade ou alta personalidade, ou por calamidade pública, a requerimento de Vereador, mediante deliberação do Plenário.' 2. Considerando que tomamos conhecimento de maneira extraoficial e por meio da imprensa da realização de sessão extraordinária do Legislativo Municipal na noite do dia cinco de julho de 2017 após o encerramento da sessão ordinária; 3. Considerando que nós Vereadores Aldacir Oliboni, e Professor Alex Fraga não recebemos de ofício ou por outro meio oficial desta Casa, entre os quais o email institucional, nenhuma convocação para tal sessão conforme reza o Art. 187 do Regimento da Câmara Municipal de Porto Alegre e, para comprovação de tal fato, disponibilizo o sigilo de meu email na Casa para verificação; "Art. 187. A sessão extraordinária será convocada, de ofício, pelo Presidente ou a requerimento do Vereador, aprovado pelo Plenário, e destina-se à apreciação de matéria relevante ou acumulada, devidamente especificada no ato da convocação." 4. Considerando que a suposta sessão extraordinária não teria seguido os ditames do Parágrafo Único do Art. 140, o qual estabelece que as sessões da Câmara serão sempre públicas; "Art. 140. (...) Parágrafo Único. As sessões da Câmara serão sempre públicas." Venho requerer, em conformidade com o Regimento Interno da Câmara Municipal de Porto Alegre, em especial no que se refere ao Art. 187, em nome também da democracia e do estado democrático de direito, que seja considerada nula quaisquer sessões extraordinárias realizadas no dia cinco de junho de 2017, bem como suas eventuais decisões. Entendo que a não-convocação de um Vereador [ou de dois Vereadores - não recebendo oficialmente a convocação], eleito democraticamente pelo voto popular para uma sessão extraordinária desta Casa configura um grave erro que somente poderá ser sanado com a sua anulação. Por tratar-se de decisão que somente poderá ser sanada com a sua anulação. Por tratar-se de decisão que extrapola conceitos ou disputas políticas e que deve observar expressamente o Regimento desta Casa, entendendo que qualquer decisão referente ao Requerimento

ora apresentado deve ser consubstanciada com argumentos técnicos-jurídicos-legais em Parecer emitido pela Procuradoria-Geral da Câmara Municipal de Porto Alegre, bem como de sua Diretoria Legislativa. Solicito brevidade na análise do presente Requerimento. Porto Alegre, 06 de julho de 2017.” Assinam, como titular, Ver. Aldacir Oliboni e Ver. Professor Alex, com apoio da Ver.^a Sofia Cavedon e da Ver.^a Fernanda Melchionna.

(O Ver. Valter Nagelstein assume a presidência dos trabalhos.)

O SR. PRESIDENTE (Valter Nagelstein): O Ver. Cassio Trogildo está com a palavra em Tempo de Presidente.

O SR. CASSIO TROGILDO: Sr. Presidente, Ver. Valter Nagelstein, na presidência dos trabalhos; Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, público que nos acompanha pela TV Câmara e também aqui nas galerias. Eu tratei todo o tempo ontem durante a Sessão, Ver. Maroni, também na reunião de Líderes hoje, Ver.^a Marília, que desde ontem está conosco de novo nesta Casa, com toda a tranquilidade possível e necessária. Agora, me cumpre, e estou em Tempo de Presidência, aqui, fazer, Ver. Matheus, a defesa da instituição; a defesa da instituição, porque aqui não está em jogo um ou outro Vereador, está em jogo o Parlamento. O Parlamento está em jogo! E a cada momento parece que alguns Vereadores querem atacar a instituição, Ver.^a Mônica. E não sei o porquê que querem fazer parte desta instituição, porque a todo o momento querem atacar a instituição, inventando dispositivos regimentais, pois quem avalia o Regimento aqui é quem já está há 12 anos, é servidor de carreira, o Diretor Legislativo, que foi quem preparou toda a Sessão Extraordinária. E eu estou aqui para defender, se algum erro formal houve, Ver. Oliboni, o Ver. Prof. Alex Fraga estava na porta, foi convidado a entrar e não entrou. A Ver.^a Fernanda estava na Casa, o Ver. Robaina também, o Ver. Oliboni recebeu no WhatsApp a convocação. Recebeu no WhatsApp a convocação. E só houve Sessão Extraordinária, Ver. Márcio Bins Ely, que não estava presente ontem aqui, estava em representação externa, porque esta Casa foi invadida, Ver. Alvoni Medina. Aqui era o local de se fazer a votação, e só faltava a votação. Todos os encaminhamentos, Ver. José Freitas, haviam sido feitos. Eu disse, na reunião de Líderes, hoje, Ver. Luciano Marcantônio, que até entre adversários tem que existir lealdade. O Simpa não foi leal

ontem! Não foi leal! Várias vezes interrompeu a Sessão; com testemunho de Vereadores da oposição, disse para o Simpa: “se vocês querem não fazer a Sessão, não tem problema, nós cancelamos a Sessão, nós encerramos a Sessão”. Pedimos para as pessoas que eram favoráveis ao projeto se retirarem – se retirarem! E eles acataram, porque não podia expulsar ninguém. A Casa não podia expulsar ninguém. E eles, Ver. Cassiá, saíram por livre e espontânea vontade. E nós abrimos todos os espaços para o Simpa. Agora, democracia é isso? Muitos que me antecederam, como o Ver. João Bosco Vaz, usou uma figura de linguagem do futebol... Democracia é isso? Quando não se está contente com o resultado, para o jogo, tira a bola? Eu não consigo compactuar com isso. Nós tivemos outros momentos de dificuldade nesta Casa, adotamos as mesmas medidas, na votação das plataformas digitais fizemos a maior audiência pública que esta Casa já fez, lá no Gigantinho, fizemos o controle de acesso, e os taxistas não estavam contentes, mas não invadiram o Parlamento, não calaram um Vereador, Ver. Oliboni, que estava aqui na tribuna. Por isso nós fizemos uma Sessão Extraordinária: para dar continuidade ao trabalho, Ver. Idenir Cecchim, que foi interrompido brutalmente, antidemocraticamente. Eu não consigo admitir que quem se diz democrático, Ver. Valter, possa compactuar com isso. Pode até defender, os ânimos estavam exaltados; agora, dizer que é legítimo invadir o Parlamento, eu não consigo entender isso de um Vereador eleito, que está aqui para representar o conjunto da sociedade; não consigo admitir. Tenho tido toda a calma possível para dirigir os trabalhos aqui, mas tem coisas que são incompreensíveis; não é possível; e é do meu lado, eu concordo, se é contra mim, eu não concordo, nas mesmas coisas! No mesmo sentido, inclusive nas decisões judiciais: quando me interessa, quando é a meu favor, a Justiça tem razão; quando a decisão é revertida, no mesmo processo, aí a Justiça não tem razão! Pois eu sempre acato as decisões judiciais, mesmo quando são contrárias a nós. Não tenho problema nenhum, Vereadores que fizeram o requerimento, de mais uma judicialização, e se tivermos que repetir a Sessão, vamos repetir, sim, não vai ser problema. Isso não é problema judicial, isso foi resposta política. Quem não entendeu, agora está dito, pode judicializar. Não é judicializando que vão resolver. Isso foi, sim, uma resposta política da maioria do Parlamento para dizer que não adianta querer calar o Parlamento, não vai ser com invasão que vão impedir os Vereadores de votar. Podem judicializar à vontade; se perdermos, faremos outra sessão e teremos outro resultado, talvez um resultado até melhor, com uma vitória mais elástica, mais esticada,

porque não é possível esse tipo de postura! Democracia não é isso; isso não é democracia! Isso é pegar e defender só quando os interesses estão ao seu lado! Não vai ser assim que esta Casa vai se comportar. Aqui está o conjunto do pensamento da Cidade; um Prefeito eleito por uma parcela da Cidade. Quem está aqui representa a maioria, e não vai ser a minoria que estava aqui... Porque não eram todos os servidores municipais, e nós temos valorosos servidores – a sua grande maioria! Tenho certeza de que se muitos outros servidores estivessem aqui isso não teria acontecido, Ver.^a Nádia, porque estavam aqui aqueles programados para não deixar o Parlamento funcionar, para não deixar os Vereadores votarem, e isso não pode se repetir! Para finalizar, só vou dizer mais uma vez: isso não é uma questão judicial! Quiseram judicializar, não entenderam o recado! A questão é política!

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Valter Nagelstein): Obrigado, Ver. Cassio Trogildo.

(O Ver. Cassio Trogildo reassume a presidência dos trabalhos.)

A Sra. Sofia Cavedon: Presidente, eu não lerei todo, mas eu fiz um requerimento diferenciado, colocando um aspecto diferente, que é a impossibilidade de, num tempo curto, após receber o *e-mail*, me deslocar de volta a esta Casa, uma vez que já tinha sido encerrada, há bastante tempo, a Sessão. Então eu gostaria de formalizar a V. Exa. administrativamente, tecnicamente, Sr. Presidente, neste momento.

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): A DL receberá o requerimento, Vereadora. O Ver. Prof. Alex Fraga está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. PROF. ALEX FRAGA: Boa tarde, senhoras e senhores, Vereadoras e Vereadores. Eu fui instigado a subir à tribuna para prestar esclarecimentos frente à fala do Presidente Cassio Trogildo que me antecedeu. Vereador, o senhor não precisa se exaltar e gritar na tribuna, basta que nós sigamos os regramentos e a legislação que regem os nossos trabalhos.

Ontem à noite, encerrada a Sessão, eu permaneci por quase uma hora aqui no plenário. Depois fomos até o gabinete do Ver. Roberto Robaina para conversarmos, eu, ele e a Ver. Fernanda Melchionna, e, quando eu estava me preparando para sair, ouvi uma movimentação no andar superior. Subi para ver o que era e vi um grande contingente de policiais que talvez devessem estar protegendo, fazendo a segurança dos porto-alegrenses, mas estavam aqui na Câmara de Vereadores com escudos, cassetetes, máscaras nos rostos. Eis que, nesse momento, passa por mim o Ver. Reginaldo Pujol, que não está aqui, e o Ver. Matheus Ayres, quando o Ver. Matheus me pergunta: “Tu vais à reunião?” Eu falei: “Que reunião?” “A reunião que vai ter ali na sala 301.” Eu disse: “Olha, eu fui convidado para essa reunião?” Ele disse: “Eu acho que foi! Nós recebemos um *e-mail*!” O Ver. Cassio Trogildo, logo em seguida, coloca no grupo dos Vereadores do WhatsApp, que não é um veículo de comunicação formal. O que eu fiz? Desci as escadas para ver o meu *e-mail*, porque nós só podemos abrir os *e-mails* institucionais dos nossos gabinetes, todos os Vereadores devem concordar. Como está no requerimento encaminhado...

(Aparte antirregimental do Ver. João Bosco Vaz.)

O SR. PROF. ALEX FRAGA: Sim, mas é um meio de comunicação formal desta Casa? Eu não tenho sido comunicado das reuniões, inclusive das reuniões conjuntas, da qual a minha comissão permanente faz parte. Eu não tenho sido comunicado! Já verbalizei essa reclamação para o meu Presidente Cassiá Carpes, já fiz essa reclamação também para o Presidente desta Casa, e a situação não se normalizou. O que está ocorrendo aqui? Por que eu, como Vereador de oposição e Líder de uma das bancadas desta Casa, não estou recebendo as comunicações oficiais? É isso que estamos discutindo aqui. Defesa do Parlamento, defesa da Casa, é muito bonito falar isso! Mas e a defesa da democracia e dos Regimentos que regem os nossos trabalhos?

(Aparte antirregimental do Ver. Rodrigo Maroni.)

O SR. PROF. ALEX FRAGA: Ver. Maroni, isso não está em questão! E, se, por um acaso, 19 Vereadores desta Casa, com as suas bancadas, decidirem se reunir todas as

noites, às três horas da manhã, tendo o número suficiente, o número de bancadas, eles vão poder aprovar, na calada da madrugada, todas as proposições que vierem aqui? Isso é um exemplo de democracia, para o senhor? Isso é um exemplo de democracia? Não foi combinado na reunião de líderes; na reunião de líderes! Aqueles que estavam lá participaram, dando anuência ou não, estavam lá, ouviram a comunicação. O que eu estou discutindo é justamente as comunicações oficiais, porque eu não estou sendo comunicado. Não, pelas vias que nós temos. Eu abro o sigilo da minha correspondência eletrônica, Vereador, o senhor pode ir à Informática e acessar toda a minha lista de e-mails, eu não fui comunicado oficialmente por esta Casa, não fui.

(Aparte antirregimental.)

O SR. PROF. ALEX FRAGA: E, por isso, estamos questionando a legalidade da votação de ontem. Não fui comunicado oficialmente.

(Aparte antirregimental.)

O SR. PROF. ALEX FRAGA: Se eu não sou convidado a uma reunião, eu não vou. Eu não sou metido. Que me mandem um e-mail institucional, já que essa é a forma de comunicação, que seja feita. Porque somente eu e o Ver. Oliboni, dois Vereadores da oposição, não foram comunicados. Que mistério isso! Todos os Vereadores da situação ou os ditos independentes receberam essas comunicações? Porque nós não recebemos! E porque apenas dois Vereadores da oposição não foram comunicados oficialmente? Essa é a nossa denúncia, e é por isso que estamos pleiteando a anulação dessa votação e, se vier a público de novo, mantereí a minha posição. Aí sim, respaldado por uma sessão às claras, uma sessão aberta, uma sessão combinada previamente. Estamos em tempo de ameaça direta à moralidade! Moralidade! E o não cumprimento de regimentos ou regras é imoral. Respaldado no Regimento, no art. 187, as sessões podem ser convocadas, claro, desde que comunicados todos os Vereadores e não somente alguns. Fica registrado, então, o meu repúdio à não convocação, à não convocação formal para mim e para o Ver. Aldacir Oliboni, e por isso a nossa repulsa e a nossa contrariedade. Grande abraço a todos.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Valter Nagelstein está com a palavra para uma Comunicação de Líder e depois prossegue em Comunicações.

O SR. VALTER NAGELSTEIN: Sr. Presidente, Srs. Vereadores, Ver. Prof. Alex, há um princípio no direito brasileiro, vindo do direito latino, que diz *dormientibus non succurrit ius*, o direito não protege os que dormem. Ontem, no final da sessão, este Vereador, Vice-Presidente desta Casa, no exercício da presidência, leal a este poder, leal ao Presidente e aos demais Vereadores, impedido de dar prosseguimento ao trabalho pela turba patrocinada pelo seu partido e pelo outro partido de oposição, com o estímulo de vários Vereadores e com o testemunho de vários outros Vereadores que viram, com a prova material formada pelas filmagens da Casa, que serão juntadas certamente ao processo, não pode continuar a sessão, chamou uma reunião naquele salão ali ao lado e deu cinco minutos. Passados os cinco minutos, não foi possível, e este Vereador, novamente na Presidência dos trabalhos, chamou, convocou os Srs. Vereadores, todos os Líderes, para uma reunião imediatamente. Está nos Anais e está nas gravações, Sr. Presidente. A senhora não viu, a foto que testemunha que a senhora não viu é que a senhora estava aqui atrás, no meio da turba, me agredindo, Ver.^a Sofia, porque estou com um roxo na perna, tive minha roupa rasgada, e a senhora estava junto com as pessoas que estavam agredindo este Parlamento, Ver.^a Sofia. A foto está aqui. Quando acusam que foram agredidos pelo gás de pimenta, é porque arrancaram o Presidente em exercício do Parlamento, da sua cadeira. Vou dizer, Presidente: resisti em nome desta Casa! Para me tirar da condição de Presidente, legalmente eleito que fui pelos demais Vereadores, não pelos senhores, vão me tirar morto! Vão me tirar morto, se quiserem! Para defender a democracia, vão me tirar daqui morto, se quiserem. Há aqueles que têm desprezo pela democracia, e mostro Sr. Presidente. (Mostra jornal.) O jornal Zero Hora de hoje, na sua capa, diz o seguinte, com relação à Câmara de Vereadores de Porto Alegre, e eu não entendo porque o duplo padrão: “Confusão no plenário”. Mas, logo abaixo, sobre a mesma questão: “Parlamento é atacado na Venezuela”. Mas porque, na Venezuela, o Parlamento é atacado, e, em Porto Alegre, onde também o Parlamento é atacado, a expressão é confusão no plenário? Não! A única identidade que há entre o que houve na

Venezuela e o que houve nesta Câmara ontem é a similaridade de pensamento e de procedimento de uma determinada vertente política que fala em democracia, mas que quer fazer uso da democracia para que, na primeira oportunidade, assassine a democracia.

Ver. Oliboni, o seu requerimento é nulo de plano, eu ousou dizer. Ninguém pode alegar nulidade se beneficiando de sua própria torpeza, isso é um princípio do direito. Ninguém pode alegar uma nulidade quando, na verdade, essa nulidade foi criada por ele próprio para se beneficiar. Essa Sessão foi interrompida porque vocês patrocinaram e têm patrocinado. Volto a dizer que as provas serão fartamente apresentadas onde têm que ser apresentadas. Eu estava na Prefeitura e vi a Prefeitura ser quebrada. Eu só não fui atingido, como fui ontem, por uma felicidade do destino, porque as bolas de gude foram apreendidas, as sacolas foram apreendidas e a bandeira de um partido político foi apreendida. Intimação por WhatsApp até a justiça, neste momento, aceita como válida, Sr. Presidente. Então, Srs. Vereadores, não há alternativa, há que se reconhecer. O que eu esperaria é que, humildemente, houvesse um reconhecimento da torpeza, da vilania, da radicalidade, do sectarismo, da deslealdade para com o Parlamento, da deslealdade para com o juramento que cada Vereador fez aqui no dia em que assumiu! Quem sabe isso abrandasse um pouco a nossa indignação cidadã. O que houve ontem ali, quando a presidente do conselho do Simpa foi a primeira que pulou sob o beneplácito e a proteção de vários Vereadores foi um ataque ao Parlamento. A presidente do conselho do Simpa! O presidente do Simpa me atacou aqui e postou nas redes sociais, ontem à noite, que foi atacado e agredido por mim aos socos, aos pontapés, e tinha mais de 200 compartilhamentos, Sr. Presidente, em torno de 500 comentários ontem à noite, falando deste Vereador absolutamente tudo! Mas as imagens são claras, Srs. Vereadores, as imagens são claras. Portanto, é difícil, Sr. Presidente, aceitar.

O que eu posso dizer e concluir, meu caro Presidente, Ver. Cassio Trogildo, e Srs. Vereadores, é que a invasão que houve aqui em 2013 não deixou ensinamentos, porque imunidade é a mãe de todos os delitos.

Vou abrir um parêntesis, novamente. Há a figura do CID, que é o Código Internacional de Doenças, na Medicina, e há um fenômeno psíquico, psicótico que se chama transtorno obsessivo desafiador – TOD. As pessoas não sabem o que é isso. TOD é um desvirtuamento psíquico, uma patologia. Tem pessoas que não sabem reconhecer

autoridade. Tem pessoas que não conseguem sentar, por exemplo, numa sala. Isso muitas vezes, Presidente, vem inclusive da má formação de casa, quando não se recebem esses valores; quando não sabe se respeitar e se acha que disciplina, por exemplo, é autoritarismo, é arbítrio. Isso se corrigiria lá na educação doméstica. Quem sabe depois, quando a pessoa entrar no mercado, só que, infelizmente, a política se tornou uma coisa tão esgarçada que valores como moral, como ética, passaram a ser relativizados e às vezes compreendidos como uma coisa feia. Nós precisamos resgatar esses valores. Se nós não resgatarmos esses valores, não há saída para o processo de crise moral e ética em que a sociedade brasileira se encontra. A responsabilização que qualquer um de nós deve ter em relação a seus atos e a punição decorrente de uma infração ou de uma transgressão, tem, sim, um caráter didático e de prevenção geral. Quando, naquele instante da invasão, em que Jesus Cristo, que está ali, na parede desta Casa, foi posto de cabeça para baixo, com uma faixa ao seu lado – eu não sou católico, não sou sequer cristão, mas respeito por demais quem assim pensa porque acredito sobretudo em Deus - onde estava escrito que Jesus era *gay*. Alguém sentou e profanou a cadeira da presidência, enrolou seu cigarrinho de maconha, acendeu, com todo mundo aplaudindo. Uma jornalista muito conhecida em Porto Alegre transmitia ao vivo aqui de dentro da Câmara um programa que todo mundo achava que era *cool*, que era legal. Aí, no final das contas, meia dúzia de malucos lá na frente ficaram pelados, desmoralizaram completamente o nosso Parlamento. Eu digo aqui, de forma muito carinhosa, muito fraterna: Vereadores emprestaram computadores e não foram responsabilizados por isso ou tiveram seus mandatos suspensos ou até mesmo foram cassados, porque se a lei é dura - é a lei - vale para todos: pau que bate em Chico, bate em Francisco, Sr. Presidente. Então, aquele episódio nos deixou lições que parece que não foram corretamente absorvidas. Eu ainda tenho dores físicas, não é problema. Isso a gente, forjado nessa luta, não se importa, mas a dor moral em ver que o mandato de cada um, ver a pessoa que saiu de casa naquele dia para ir até uma seção eleitoral, pensando em ti, confiando em ti, votando em ti... Quando eu fui atacado ali, não fui eu quem foi atacado, foi cada um desses porto-alegrenses, rico, pobre, sábio, ignorante, não importa, foram chutados, foram eles que tiveram um tapa no rosto, foram eles que tiveram a roupa rasgada. E foi este Parlamento, acima de tudo, que, se não tomar as providências adequadas e corretas, vai sair roto e moralmente ferido. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Luciano Marcantônio está com a palavra para uma Comunicação de Líder, por cedência de tempo do Ver. Paulo Brum.

O SR. LUCIANO MARCANTÔNIO: Obrigado, Presidente Cassio, colegas Vereadores e Vereadoras, cidadãos e cidadãs que nos assistem nas galerias, quero dizer que todas as palavras que o Ver. Cassio Trogildo colocou aqui as ratifico na plenitude, porque o que aconteceu ontem na Casa do Povo, que não é a casa do Simpa... Eu espero que a atitude do Simpa de ontem não esteja nem perto do pensamento dos municipais de Porto Alegre, que são pessoas dignas, não são marginais como os invasores, pois agiram como marginais! E vi dirigentes, militantes de partidos políticos com cargos de confiança, funcionários públicos agirem como marginais ontem. Eu fico com vergonha da nossa esquerda, com muita vergonha da nossa esquerda! Vocês têm que ter o mínimo de consciência, bancadas do PT e do PSOL, do ato que cometeram ontem que já foi repetido aqui em outras duas oportunidades, foram três invasões que nós tivemos aqui, não foram duas, não, foram três – na gestão do Ver. Dr. Thiago, na posse do Ver. Mauro Zacher e ontem. Mas agora, ontem, foi um divisor de águas. Ontem, os Vereadores não se acovardaram, não agiram no mesmo conceito que esses marginais fizeram aqui. Eu sou Vereador aqui desde 2009 nunca fiz um comentário desse estilo aqui na tribuna, porque não é o meu perfil. Eu sou de um perfil diplomático, fui assessor do Pedro Ruas, votei na Dilma, fui coordenador suprapartidário indicado pelo Perfeito Fortunati na campanha da Dilma. Eu votei no Olívio, vocês estão envergonhando aqui, vocês estão envergonhando a esquerda do Rio Grande do Sul! Estão envergonhando! Muda, Sofia! Muda, Sofia! Para de fazer aqui demagogia e populismo, eu não vou aceitar mais! Eu conheço bem como funciona organicamente o PT e o PSOL, não vou aceitar mais vocês mentirem, aqui, na tribuna! E muito menos apoiar invasão! Que coisa nojenta! Que coisa antidemocrática! Que coisa desrespeitosa com os colegas Vereadores e com os cidadãos de Porto Alegre! É inadmissível que isso prossiga. E não vai prosseguir mais, porque não vai ser a força física que vai vencer a democracia. Não vai ser a força física que vai vencer o diálogo, que é a arma dos inteligentes. Não vai ser a força física que vai pautar nenhum Vereador, nenhum Prefeito, nenhum cidadão, do rico ao pobre, não vai ser. Podem invadir a vida

inteira, sempre nós vamos votar. Podem invadir, podem chamar todos os marginais para invadirem aqui, podem fazer, porque nós vamos votar sempre, sempre, porque a democracia vai prevalecer à força física, à agressão, ao vandalismo provocado por marginais. Eu pensei, quando vocês foram se reunir naquele microfone ali, que tivessem o mínimo de consciência de fazer um *mea culpa*, mínima. Não precisava nem fazer *mea culpa*, mas não fizessem esse papelão de dizer que estavam aqui, que foram agredidos... Não, quem foi agredido fomos nós, pelo amor de Deus! Não é possível que 27 Vereadores estejam loucos! Não é possível! Nós não estamos loucos. Nós não estamos tomando atitude ilegal. Nós não estamos cometendo uma irregularidade. Nós estamos defendendo o cidadão de Porto Alegre, a democracia em Porto Alegre! E não vamos nos curvar, não agiremos como ratos que fogem quando vem provocação e vem atitude de vândalos. Não vamos! Agora lamento muito mesmo. Sou Vereador em terceiro mandato, desde 2009 tratei com muito respeito todos os Vereadores do PT e do PSOL, quero continuar tratando com respeito, mas vou refletir muito e vou calcar a minha atitude no respeito com que vocês começarem a nos tratar. Não venham aqui mais mentir, fazer demagogia e, pior, agir como vândalos. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): A Ver.^a Sofia Cavedon está com a palavra em Comunicações.

A SRA. SOFIA CAVEDON: Sr. Presidente, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores, se fosse possível fazer uma analogia, eu diria que há uma tentativa de linchamento público aqui e não consigo, ainda, Ver. Prof. Alex, entender as razões verdadeiras. Primeiro, nos cobram uma *mea culpa*, infelizmente não dá nem para nos posicionarmos sobre ocupação, porque estamos sendo atacados desde ontem por vocês, colegas Vereadores. Nós estamos sendo atacados, eu, o Ver. Prof. Alex Fraga, o Ver. Aldacir Oliboni, a Ver.^a Fernanda Melchionna, o PT, o PSOL, atacados. Só um pouquinho, gente, só um pouquinho. Eu só estou querendo entender se nós fizemos alguma atitude, se eu tive alguma atitude agressiva com algum Vereador nesta Casa ontem. Eu quero saber se o Ver. Prof.^o Alex ou a Ver.^a Fernanda teve alguma atitude agressiva. Eu gostaria de saber. Primeiro, eu gostaria de saber disso. Segundo, assumam que vocês são absolutamente

contra movimento social, que movimento social é para tratar com polícia, porque é essa nossa diferença, é só essa. Nós só temos essa diferença, e vocês poderiam tentar nos respeitar. Nós olhamos, Ver. Camozzato, o movimento social como movimento social e não como crime. E essa é uma diferença que nós temos e temos que nos respeitar, o que aconteceu ontem surpreendeu a todos nós, eu levei um susto. Estava sentada e levei um susto. E vocês não viram atitudes nossas agredindo ninguém, não viram, porque eu quero que provem. Eu me desloquei aqui para ficar no meio aqui dos policiais e dos nossos colegas, tentando amenizar. Não critiquei o Ver. Valter. Então, eu acho, assim, que essa gratuidade faz parte de uma marginalização da política e da esquerda, que não cabe. Vereador Presidente, a quem tenho respeitado e elogiado, hoje, saiu, ficou muito brabo, não poderia ficar, Presidente, nós fomos impossibilitados de participar da reunião em que terminou a votação, é isso só que nós estamos dizendo: impossibilitados. Eu estava longe, o Ver. Oliboni não recebeu formalmente, acho que isso é do nosso direito, todos são Vereadores iguais, é do direito de ter um tempo hábil, de receber uma convocação. Então, acho que tem uma extrapolação, uma irritação que nos diferencia na forma de tratar movimentos. E aí vamos nos respeitar. Vamos nos respeitar, tem ataques pessoais aqui, Luciano Marcantônio, eu estou sendo atacada pessoalmente em todos os lugares por vocês. E nunca expus a vida de um Vereador, nunca! E eu quero ver vocês me pegarem falando, Ver. Carús - que, ontem, ficou brabo, veio aqui e disse que eu estava atingindo o PMDB -, porque eu também não marginalizo partido. Nunca, procurem as minhas falas, porque eu não jogo contra a política. Nós apostamos na política para resolvermos nossos dissensos. Muitas vezes, nós consensuamos, nesta Casa, sessões extraordinárias, com tempos mais curtos, não tem problema, quando nós temos divergências, nós usamos o Regimento, ponto. Nós entendemos que a democracia dirime as dúvidas em tempos democráticos, é por isso que, hoje de manhã, na reunião de Lideranças, registrei que achávamos que tínhamos que agir aqui com diálogo, e não usar gás, e não usar choque! Porque nós estamos em tempo de democracia. Se erraram os municipais, não erremos nós. Essa é a nossa posição, que fique muito claro! Muito claro! Não estaríamos nesse Parlamento investindo em democracia, em debate? Vocês sabem o quanto nós dialogamos com todos vocês. Quando o movimento social extrapola... Estiveram aqui representantes de uma ocupação, e vários Vereadores foram à tribuna defender o direito à ocupação. Vários Vereadores vieram aqui, tinha aqui uma

comunidade lutando por moradia. Então, a nossa divergência é esta, Comandante Nádia: é como tratar o movimento de luta, o movimento social. E podemos divergir, mas nos respeitamos. Eu exijo respeito à esquerda, eu exijo respeito aos nossos partidos, Luciano, tu nos conhece, nós não marginalizamos vocês, nós aqui fazemos a discussão de como é melhor encaminhar conflitos de uma sociedade de conflito. O que nós tínhamos ontem aqui era uma inconformidade forte dos municipais com o que nós íamos votar, nós sabíamos que seria tenso, e nós temos que procurar coletivamente a melhor forma de encaminhar. Ponto. Não é possível... Sobre esse grau de criminalização da esquerda, ainda não está clara a explicação, não está clara, Ver. Bosco. Eu concordo contigo, não concordamos com essa de: “Estou perdendo o jogo, vou estourar”, concordo plenamente, só que, quando nós estamos num jogo disputado e acirrado, vale a regra, certo? Vale a regra. Tem que valer a regra, porque é o jeito de um jogo disputado acontecer sem ninguém se matar, sem ninguém se machucar. Esta é a minha fala clara. Vocês não ouviram nenhuma fala nossa, nem na imprensa nem nada, falando de um Vereador, de extrapolação, de mentiras, nenhuma, nenhuma mentira! Então, por favor, gente, só entendemos que movimento social que extrapola a ordem tem que ser lidado com democracia, democracia e democracia. Esta é a nossa posição.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Tarciso Flecha Negra solicita Licença para Tratamento de Saúde no dia 29 de junho de 2017.

O Ver. Cláudio Janta está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. CLÁUDIO JANTA: Eu quero saber se vai acontecer a terceira vez, porque duas já aconteceram. Queria ver aqui quem vai devolver isso aqui para os municipais, que me jogaram ontem, são uns trocados, umas moedas que me atiraram, e eu quero devolver. Eu vou guardar, se aparecer no plenário... (Mostra cédula.)

Eu vou começar pelo final do pronunciamento da Ver.^a Sofia. Ela disse que os movimentos sociais... Eu acho que os movimentos sociais merecem e têm todo o meu respeito. Hoje mesmo recebemos, aqui nesta Casa, o movimento social de luta por moradia, as pessoas bateram palmas, reivindicaram. Eu não vi ninguém pulando, ninguém estragou nada aqui.

Eu estou nesta Casa – já falei isso na rádio hoje – desde mil novecentos e oitenta e poucos, quando o plenário era lá no Ana Terra. Vim aqui para lutar a favor dos rodoviários de Porto Alegre, pelos comerciários, pelo sábado inglês, domingo não, vim aqui pelos trabalhadores da construção civil, em março, vim aqui por diversas categorias, pelos taxistas eu vim duas ou três vezes aqui nesta Casa. E a última que eu estive aqui foi no ano passado, com os taxistas. Tivemos no Gigantinho, e o Presidente da Casa, o Ver. Cassio Trogildo e o Líder do Governo, na época, o Ver. Kevin Krieger, que me perguntaram: “Janta, vai ter algum problema?” Eu disse: “Não, nenhum, pode ficar tranquilo.” Isso é um líder de categoria, não um líder de vândalos. E aqui nós tivemos sessões que também mexiam na vida das pessoas. Estavam tirando, dos taxistas, sua renda, seus pontos, uma série de coisas. Toda a sociedade de Porto Alegre acompanhou isso, estavam sendo implementados os aplicativos. E ninguém invadiu o Parlamento, ninguém ocupou o Parlamento. Ninguém! E aqui o Valter mostrou a capa de um jornal. Por coincidência, ontem também, na Venezuela, ocuparam o Parlamento, bateram em membros do Parlamento. Olhem a semelhança do movimento stalinista, que dizem que matou Trotsky, mas que, quando não estão de acordo com o que está acontecendo, revida através de ocupação e de violência. Isso é um absurdo.

A Ver.^a Sofia fala e, depois, vem se fazer de vítima. Dá um discurso e, depois, vem aqui se vitimizar: “Ai, porque nós...” “Ai, nos agrediram”. Ninguém agrediu. Quem foi agredido foi esta Casa. Quem foi agredida foi a presidência desta Casa. Quem foi agredido foi o Vereador que estava na tribuna por pessoas ditas trabalhadores, que eram para estar dando aula ontem, que ameaçam os Vereadores e dizem: “Ah, quando tu chegares lá no Pronto Socorro, tu vais ver”. O que é isso? Ontem, eu ouvi isso: “Quando tu chegares no Pronto Socorro, tu vais ver”. Eles se fazem de vítima: “A atitude agressiva que nós estamos tendo...” Atitude agressiva? Mas quem teve atitude agressiva? O rapaz que botou vídeo aí dizendo que estava... Em todos os vídeos que eu vi ele aparece em pé aqui. Tem um em que ele aparece botando o dedo no meu rosto, completamente vestido. Ele aparece aqui embaixo, gritando, enlouquecido, completamente vestido. Aí, de uma hora para outra, ele aparece num vídeo, pelado, todo manchado, dizendo: “Vou dizer que foi o MBL que me fez isso”. Eu não sou defensor do MBL aqui. Não sou defensor de ninguém. Mas fraudando uma coisa? Que é isso, gente? Dizendo que o Ver. Valter bateu nele? A Ver.^a Sofia dizendo que estava aqui para proteger as pessoas? Mas eu não vi ela

proteger um colega Vereador. Eu não vi ela dizer em nenhum momento, quando o Ver. Valter propôs: “Vamos sair, desocupar, e nós vamos fazer uma reunião...” Aí o Ver. Oliboni, o senhor me desculpe, o senhor foi uma liderança comunitária, o senhor vir com esse chalalá aqui para cima de mim de que o senhor não recebeu convocação? O seu *e-mail* deve estar com *spam!* Teve Vereadores aqui que disseram, com relação a uma reunião que fizemos na CCJ, que não valeu, porque os Vereadores não receberam o *e-mail*. Aí, depois, descobriu-se, Ver. Oliboni, que tinha *spam*, a caixa estava cheia. Mas nós botamos no grupo dos Vereadores a convocação, Ver. Oliboni. Está no grupo dos Vereadores. O Ver. Prof. Alex Fraga aí diz assim: “Não, mas eu não sabia o que era.” Todo mundo falou com ele para ele ir lá na reunião. Se vamos começar a judicializar as questões da Câmara, vai ficar ruim; vai ficar ruim.

Eu, como Líder do Governo queria agradecer a vocês. Há seis meses estou aqui na Casa tentando unir as pessoas numa ideia, e vocês conseguiram isso ontem: 29 Vereadores unidos numa ideia de que estão tentando fazer mal para esta Casa, estão tentando atingir este Parlamento. O Parlamento tem que ser respeitado. Somos 36 pessoas eleitas aqui que pensam de forma diferente. Se nós pensássemos da mesma forma, teríamos um Parlamento de um Partido só. Temos um Parlamento de 16 partidos e só dois não estavam na reunião de ontem; só dois não concordaram com a reunião de ontem. O Ver. Tarciso foi bem claro, ele subiu aqui e disse que não teria problema algum de estar na reunião. Houve seis votos contrários. Com os votos de vocês, era o que ia dar. Com o de vocês e o do Tarciso era o que ia dar. Agora, a Ver.^a Sofia fala tanto dos municipais, defende os municipais, defende a escola do Município e os seus filhos estudam em escola particular; fala tanto dos municipais, da saúde pública e tem Unimed. Que raio é esse, tchê? Não acredita no que defende?

Só para concluir, Sr. Presidente, esses R\$ 30 milhões aí que nós vamos poupar, e ontem não deixaram eu concluir porque sabiam que eu ia falar, para a população de Porto Alegre, na área da saúde, Ver. Dr. Thiago, Ver. Dr. Goulart, possibilitarão ao Governo dez meses de operação num hospital nos moldes da PUC, com ambulatório e internação, sem sequer ter a necessidade de aporte da União e dos Estados. Ele possibilita dois hospitais de média complexidade com 200 leitos cada um. Esses R\$ 30 milhões podem significar renovar dez vezes a frota de ambulância do Município. Esses R\$ 30 milhões podem significar oito postos de saúde abertos até as 22h por mais três anos. Então não é pouca

coisa para 1 milhão e 481 mil pessoas de Porto Alegre. Nós estamos aqui para legislar para essas pessoas, nós não estamos aqui para legislar para “a”, para “b” ou para “c”, nós estamos aqui para legislar para toda a cidade de Porto Alegre. E a toda cidade de Porto Alegre interessa esses recursos, a toda a cidade de Porto Alegre interessa o que nós fazemos com o dinheiro público. E se nós vamos começar a judicializar as questões aqui na Câmara, nós vamos entregar o nosso direito de legislar para o Judiciário, que na legislação passada já fez algumas coisas no Ministério Público que nós nos furtamos de fazer e agora nós estamos fazendo. Muito obrigado, Sr. Presidente.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. João Carlos Nedel está com a palavra para uma Comunicação de Líder, pelo Governo.

O SR. JOÃO CARLOS NEDEL: Sr. Presidente, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores. A Ver.^a Sofia Cavedon...

(Aparte antirregimental da Ver.^a Sofia Cavedon.)

O SR. JOÃO CARLOS NEDEL: Exatamente, eu vou justamente falar para a senhora, porque a senhora foi extremamente competente, e ganhou, e liderou a eleição dos novos dirigentes no Simpa, retirando a hegemonia do PSOL lá no Simpa. A senhora ganhou a eleição do Simpa e colocou lá os seus companheiros e correligionários. Eu peço que a Ver.^a Sofia me ouça. Vossa Excelência foi muito competente, ganhou a eleição no Simpa e colocou lá os seus correligionários, os seus amigos, ou seja, V. Exa. tem uma liderança muito forte. E, ontem, quando o Presidente Valter, duas ou três vezes, pediu a compreensão, pediu a retirada dos invasores nesta Casa do Povo, e V. Exa. não tomou uma atitude com seus liderados, Ver.^a Sofia, a senhora foi omissa, pecou por omissão. Acho isso tão sério que os assessores atrapalham a Vereadora, olha só, para não me ouvir. Olha a falta de educação! Vereadora, a senhora é professora, a senhora ensina na educação, a senhora tem que ter educação de ouvir.

(Aparte antirregimental.)

O SR. JOÃO CARLOS NEDEL: Ex-professora, agora está sendo aposentada, já está em abono permanência, já ganhou, no mês de maio, R\$ 16.011,00, e uns centavos que não me lembro, e mais o salário do professor.

(Aparte antirregimental.)

O SR. JOÃO CARLOS NEDEL: Exatamente, tenho essa informação, Vereadora. O Presidente Valter solicitou várias vezes a compreensão dos líderes para retirar os invasores. Nem a senhora, Ver.^a Sofia, mexeu uma palha, nem a Líder da oposição, Ver.^a Fernanda Melchionna, fez nada sobre seus liderados, nem o Líder do Partido, Ver. Alex Fraga também não fez nada com seus liderados que aqui invadiram a Casa do Povo. Lamento, mas foi mal, Vereadora, a senhora devia ter usado sua liderança para o bem. Não, a senhora foi omissa em favor dos invasores, dos agressores da Casa do Povo. Ver. Oliboni, a reunião, ontem, foi pública, lá estiveram várias pessoas e vários jornalistas. O Ver. Alex, não sei por quê, não participou da reunião. Disse que não é metido, mas talvez tenha ficado com medo dos policiais ali, mas V. Exa. seria muito bem-vindo ontem, Ver. Prof. Alex.

Então, assim, sobre não receber o *e-mail*: ainda estávamos numa reunião preparatória, antes das 20h, e fomos informados que o Ver. Adeli, que estava no plenário, recebeu a convocação e avisou os outros Vereadores que aqui estavam. Então, não se pode dizer que não sabiam da reunião. Sabiam, sim. Ainda, a Ver.^a Sofia diz que não acessou o seu e-mail. Claro, que ela não acessou, estava indo lá a polícia para evitar que aquela pessoa que agrediu os guardas municipais, para impedir que ele não fosse para o presídio. Veja o conceito da Ver.^a Sofia, tem poder junto à polícia e não quis exercer a sua liderança junto aos seus liderados. Foi mal, Ver.^a Sofia. Lamentavelmente a gente viu que o assunto foi uma invasão orquestrada, com a conivência, com a cumplicidade dos Líderes da oposição desta Casa. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. André Carús está com a palavra em Comunicações.

O SR. ANDRÉ CARÚS: Sr. Presidente, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, infelizmente a repercussão dos fatos ocorridos ontem aqui na Câmara acabam dominando a Sessão de hoje, justamente, porque nós enfrentamos ontem uma verdadeira afronta à democracia em todos os seus níveis, e eu até me manifestei, ontem na tribuna, num encaminhamento que foi feito de um Requerimento que pretendia o adiamento da votação do projeto sobre o Previmpa e cobrei algumas incongruências, na minha avaliação, da Bancada do PT, em específico da Ver.^a Sofia, no que diz respeito ao ataque ao PMDB, que é o nosso partido. E o PMDB que é um partido que tem uma história, o PMDB é o sucedâneo do MDB. É o partido que liderou todas as correntes de pensamento, que hoje, inclusive, se expressam aqui nesta Casa. E, muito embora a opinião pública, certos setores da imprensa e partidos que empilham derrotas eleitorais para o PMDB, inclusive, no Estado do Rio Grande do Sul, queiram desqualificar e mal nos comparam com o PMDB nacional. Nós temos uma linha diferente aqui no Rio Grande do Sul. E é essa linha, inclusive, democrática, capaz de fazer a mediação com os diferentes setores da sociedade que nos permitiu ontem, inclusive, chegar num consenso de que cada um poderia votar conforme a sua convicção no projeto do Previmpa. E foi essa democracia, e cumprimento o nosso Líder Idenir Cecchim e a compreensão dos demais colegas – Ver. Mendes Ribeiro, Ver.^a Comandante Nádia e Ver. Valter Nagelstein –, que me fez permanecer na posição de votar contrário ao aumento da alíquota do Previmpa. Mas não votei contrário, Presidente Cassio, visando a atender aqueles que promoveram a desordem aqui na Casa, mas, sim, aos 20 mil servidores públicos municipais de Porto Alegre, que naquele horário estavam trabalhando, exercendo as suas funções. A grande maioria dos servidores públicos municipais trabalha por uma Cidade melhor. Não é gigolô de sindicato, não faz aparelhão de partido e também não fica aqui perambulando pelos corredores da Câmara, querendo intimidar os Vereadores e as suas posições ou querendo desmoralizar a própria Mesa Diretora. O Ver. Valter ontem, que presidia a Sessão e a conduzia com muita competência, foi agredido fisicamente, e as imagens veiculadas em rede social, as imagens que esta Casa pode fornecer, comprovam isso. Qualificar a Sessão que concluiu pela votação do projeto, votei “não”, vejam bem, votei “não”, eu e mais cinco, Ver. Bosco, eu estive entre os 27 Vereadores com posição favorável à realização da Sessão, porque o que estava em jogo aqui era uma instituição democrática, um poder constituído. Ninguém

aqui foi nomeado! Ontem, chegou ao ponto de nós ouvirmos aqui, Ver. Luciano, o absurdo de pessoas menosprezarem a quantidade de votos que nos trouxeram até aqui: “não, cinco, sete mil, dez mil – é muito pouco”. Isso é anarquia! Isso não é democracia. Quem despreza o sufrágio, a democracia representativa, não pode conviver num regime democrático. Espero que nós possamos, vencido esse episódio, trabalhar com a tranquilidade necessária e exercer aqui o mandato com independência e responsabilidade, votando com aquilo que é bom para Porto Alegre e contrário ao que discordamos, é positivo. Eu disse ainda para alguns Vereadores da oposição hoje: a atitude desastrada dos que invadiram o plenário foi a justificativa ideal para aqueles que ainda não haviam decidido seu voto com relação ao projeto do Previmpa. Aí vêm alguns aqui na tribuna fazer mensagem subliminar: “os ditos independentes”. Mas o que é isso? Agora vamos ter que ficar cuidando o que nós vamos falar, sobre o que nós nos posicionamos, porque pode vir algum colega Vereador censurar e, de forma antidemocrática, desrespeitosa, botar na rede social o que a gente pensa? Não! Quem tem que fazer isso é o povo, que, por vários meios, nos fiscaliza, e esta Câmara é exemplo de transparência.

Então, eu quero aqui dizer que cabe a nós trabalhar com respeito e posso dizer o que disse o Ver. Bosco: não recebo mais baderneiro! Vou dialogar com aqueles que querem o bem da Cidade, tenho posições divergentes, sérias divergências com o Governo, mas não me furto de dialogar para aperfeiçoar aquilo que for bom para Porto Alegre e para a cidadania. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Matheus Ayres está com a palavra em Comunicações.

O SR. MATHEUS AYRES: Pedindo desculpas aos ouvidos dos colegas; primeiramente, ao “fora Temer”, secundamente ao “não volta Lula”, e terceiramente aos meus colegas corruptos do PP, em Brasília, caiam todos: foi uma vergonha o que nós assistimos ontem à tarde neste plenário, neste local. Uma vergonha! Para mim, não sobra para ninguém, uma vergonha, eu dialogo muito bem com o Sindicato, dialogo muito bem com o MBL; agora, com o direito à expressão de cada um. MBL fazer videozinho chamando para a

briga, fora de argumentos, fora da técnica? Não. Sindicato gritando, xingando, pulando, invadindo? Não, aí não. Vergonha! Que democracia nós queremos? Que política nós, os novos e os que já têm experiência na política, queremos? Nós queremos continuar acabando com a nossa já frágil democracia? Nós queremos continuar sendo motivo de piada para as pessoas nas ruas – nas ruas físicas e nas ruas *on-line*? Todo mundo faz piada com política e com políticos; e, me desculpem, mas, muitas vezes, tem razão de fazê-lo. Agora, o que nós vimos ontem aqui foi uma verdadeira vergonha. Presidente Cassio, parabéns pela sua manifestação, não só por este lugar ser o Plenário, o que já é de muita valia, mas por ser um espaço de convivência. Isso não pode, não deve acontecer em nenhum lugar, porque é uma falta de respeito com as pessoas.

Orgulho eu também senti ontem. Cito o meu colega Vargas, funcionário aqui da Casa. Aos guardas da Casa, parabéns pela atitude, pelo trabalho de ontem. Eu sei que é muito difícil para os senhores, seguranças desta Casa, que nos atendem com todo carinho, quando chegamos aqui às 7h, 7h30min da manhã e vamos embora às 21h, 22h, ter que conter colegas – parabéns! Parabéns aos senhores que se mantiveram firmes também no áudio. Quero citar o Jorge, que eu vejo de vez em quando aqui conosco. Parabéns por garantir o direito à fala do Presidente Valter, que estava em exercício aqui ontem. Aliás, parabéns, também, Valter! Vejam, eu estou citando todos: os colegas da Casa, os colegas Vereadores. Parabéns àqueles que honraram e respeitaram o outro. Foi isto o que faltou ontem, Ver. Dr. Thiago: respeito ao outro. Os conservadores gostam muito desse valor, e eu me coloco ao seu lado neste momento. O respeito à dignidade da pessoa humana passa pelo respeito ao outro; não é saltando, fazendo videozinho que se vai respeitar o outro, que se vai construir uma nova política, Vereador. Não é assim. Uma nova forma de fazer política passa por um bom testemunho, com as câmeras ligadas e desligadas.

O meu posicionamento acho que já é muito claro entre os meus colegas aqui da Casa. Não me interessa se é direita ou se é esquerda – peço desculpa por isso se alguém ficar brabo –, eu penso é nas pessoas e nos temas. Eu não sou base do Governo, eu sou Governo, o meu partido é Governo. Eu estarei com o meu Governo em todas as pautas que eu crer que são boas. Acho que ficou muito claro para todos aqui qual será o meu posicionamento quando eu for contra. Eu sou Governo com muito orgulho.

Com relação ao Previmpa, como todas as minhas atitudes, eu sempre estudo, tenho autonomia de pensamento, eu e minha equipe, tenho autonomia do meu voto. Diante de mim, para ser bem sincero, meus estimados pares, tínhamos duas opções, no meu estudo e a meu ver: uma ruim e outra muito ruim. Eu fiz a escolha, diante dos meus valores, critérios e do meu estudo técnico que me apontou com bastante tranquilidade. A gente se esforça para acertar sempre. Gostaria que cada um de nós pensasse nessa frase no exercício profissional: a gente sempre se esforça para fazer o melhor. Por que eu fiquei à noite? Ora, porque estou sendo pago para isso. Eu estava na Casa. Fui avisado da reunião. Era a minha obrigação estar na reunião. Acho que era o justo a ser feito. E eu estaria se fossem outros projetos, outras demandas, enfim. Que democracia, que política é essa que nós estamos vivendo? Essa pergunta não poderia ficar sem resposta de cada um de nós! Que a gente possa, com muita humildade e simplicidade, reconhecer quando estamos errados, mas também valorizar os posicionamentos certos. A verdadeira democracia se faz com verdadeiras palavras e atitudes e não se escondendo atrás de discursos demagógicos, mentirosos ou eleitoreiros. Quando começa a ser feito, começa a contar novos votos na próxima eleição. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): Apregoo Requerimento de autoria das Vereadoras Fernanda Melchionna e Sofia Cavedon que solicitam renovação de votação do PLCE nº 004/17.

A Ver.^a Mônica Leal está com a palavra em Comunicações.

A SRA. MÔNICA LEAL: Presidente, eu gostaria de pedir um minuto de atenção a todos vocês para olharem essas fotos.

(Procede-se à apresentação de imagens.)

A SRA. MÔNICA LEAL: A invasão na Sessão de ontem. Vejam bem, que movimento democrático é esse? Que movimento social é esse? Olhem bem! Essas fotos registram o que aconteceu – é um dos registros, porque têm vários. Agora, vamos para o registro – olha que beleza – de 2013, quando a Câmara foi invadida da mesma forma. Vejam bem,

movimento social? Movimento democrático? Movimento organizado! Isso não tem nada de democrático ou social, isso é terrorismo. Vejam, olhem a turma do tudo pode, do sem limite. Nós não aceitamos que a Câmara Municipal de Porto Alegre fique refém de um bando de vândalos, de criminosos que quiseram impor, ontem, ao Presidente, a uma Casa Legislativa, aos Vereadores da Capital, os seus caprichos. É isso aí, precisa falar mais? Não, nem precisava usar mais o microfone, basta mostrar os vídeos. Olhem, senhores e senhoras, eu faço questão de começar a responder aqui as colocações da Ver.^a Fernanda. A Ver.^a Fernanda iniciou a sua fala dizendo que queria a minha presença, que gosta de falar olho no olho, como se, por acaso esta Vereadora não ficasse presente ao plenário. Eu nem me lembro de ter faltado a uma sessão plenária, e olhem que, no dia de ontem, esta Vereadora, que vos fala, teve um derrame no olho e não deveria estar na sessão plenária, tinha até um atestado médico. Mas fiquei do início ao fim, mais de 12 horas eu fiquei nesta Casa, porque filha de bom soldado em retirada nunca, fiquei aqui para cumprir com o meu dever, dever de Vereadora, por uma razão muito simples, acompanhei todas as discussões deste projeto, que deixa claro o déficit da Previdência. Vamos lá, a Ver.^a Sofia disse que quero criminalizar o PSOL. Não preciso, está aí o registro. Nas filmagens, identifiquei vários componentes, participantes desse partido, apoiadores. Aliás, vocês não esqueçam que o tal do João Sem Medo, que era indicado pelo Ver. Kopittke, do PT, ia ser diretor desta Casa, esta Vereadora detectou isso e impediu que acontecesse, junto com o Ver. Dr. Thiago. Não precisa falar muito, mas vamos lá. A solidariedade é relativa, a Ver.^a Fernanda disse que tenho uma solidariedade relativa. Não, tenho uma solidariedade justa com aqueles que merecem. Então, ela cometeu uma inverdade aqui, todas as vezes que alguém necessitou da minha solidariedade recebeu. Só que ultimamente tenho assistido ao Ver. Robaina ocupar esta tribuna e ofender a bancada do PP, de Porto Alegre, com a seguinte frase que, inclusive pode ser interpelada judicialmente, para explicar quem são, quero que ele dê nomes a essas pessoas, porque ele usa, mas essa forma de agir é uma forma de mostrar que estão querendo sustentar esse governo corrupto. “Essa é a política que o PP em Porto Alegre está sustentando. Não é à toa que a Ver.^a Mônica Leal vem trazer essa discussão”. Isso ele usou aqui, na tribuna, quando eu propus, através de um projeto de lei, o Título Cidadão para o General Etchegoyen. Tenho a fala dele, senhores e senhoras, todas as vezes que ele ocupa a tribuna é para falar mal do PP, do PMDB porque não tem

argumentos. Então ele ataca o PP através da FASC, do DEP, como se nós, Vereadores do Partido Progressista, estivéssemos aplaudindo qualquer tipo de ilegalidade, que nem precisamos. Por favor! Coloque a foto que o Ver. Valter Nagelstein foi agredido, que mostra bem que de movimento democrático social não tem nada. (Mostra foto.) Ali está a agressão que o Ver. Valter Nagelstein sofreu deste dito movimento social-democrático que a Ver.^a Fernanda, a Ver.^a Sofia e outros mais da esquerda cismam em dizer que tem. Mas eu quero continuar nesta fala do Ver. Robaina, que sobe a esta tribuna para atacar o Partido Progressista de Porto Alegre, dizendo que defende qualquer tipo de ilegalidade na Cidade. É mentira. Então, está na hora de ele dar nomes, provar...

(Aparte antirregimental.)

A SRA. MÔNICA LEAL: Pois é, eu estou aqui, foi solicitada a minha presença para escutar a Ver.^a Fernanda, mas seria interessante filmar que não tem ninguém aí do PT e do PSOL.

O Ver. Alex também quis discutir as comunicações oficiais. Ora, até no colégio da minha neta Martina, de seis anos, se utiliza WhatsApp para comunicação. Foi muito bem informado, avisado que haveria uma votação ontem à noite.

Eu também queria deixar claro que todas as manifestações são muito saudáveis, mas dentro da ordem institucional, sem invasões, sem quebraadeiras, o radicalismo não é bom. Eu espero que os radicais de ontem sejam responsabilizados, porque todos os filmes que eu tenho, todos os áudios deixam bem claro quem incitou a invasão de ontem na Câmara. Como eu já falei, através dos vídeos, é muito fácil.

Em 2013, nós tivemos a invasão da Câmara. Quando começou a Sessão, eu torno a dizer, eu avisei que o objetivo da esquerda, da oposição era justamente a ameaça, a coação, o cerceamento da liberdade de ir e vir, a ofensa, o autoritarismo, a arbitrariedade. Isso eles chamam de democracia, a democracia da esquerda funcional é assim: vocês não concordam comigo? Então, nós vamos invadir, vamos quebrar. É isso que acontece, senhores. Graças a Deus, a população de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, do Brasil hoje consegue identificar o que é que a esquerda chama de democracia, é o terrorismo deles. Vereadores, foi bem um espírito de guerrilha midiática, é a alternativa que eles usam para alimentar esses movimentos. Eu, mais uma vez, quero deixar claro – e já

tomei as devidas providências – que eu não vou aceitar que o Ver. Robaina utilize esta tribuna para jogar lama no Partido Progressista de Porto Alegre. Ele vai ter que nominar, ele vai ter que dizer nome por nome, ele vai ter que se explicar, sob pena de uma interpelação judicial. Foi a última vez que eu assisti calada, quando entrei com a proposição de um Título de Cidadão para um homem honrado como é o cidadão General Etchegoyen. Eu tenho aqui as falas do Ver. Robaina: todas levam a essas ofensas. Eu queria compartilhar esse sentimento, essa decisão e dizer também que é assim que as coisas estão acontecendo no Brasil. Quando uma via é destruída por vândalos, toda sociedade é prejudicada. Assim, dessa forma, aconteceu ontem na invasão do Parlamento.

Em 2013, o fotógrafo desta Casa foi perseguido, foi agredido. Também os repórteres da RBS e de outras redes sofreram a mesma perseguição. E ontem eu escutei aqui um grupo ofendendo a empresa de comunicação, porque, quando eles se sentem sem palco de apoio, agem dessa forma. Então, tudo está devidamente documentado e será levado às vias de fato, para que nunca mais ocorra, neste Parlamento, que é sagrado, o que aconteceu em 2013 e na tarde de ontem, que começou como um movimento organizado. Todos serão identificados e responsabilizados. Muito obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): A Ver.^a Marília Fidell está com a palavra em Comunicações.

A SRA. MARILIA FIDELL: Em primeiro lugar, eu queria dizer para vocês que todos os Vereadores aqui estão contribuindo muito para minha formação política. Ontem eu vivi um momento bem complexo, diferente, de uma mulher que já viveu muita coisa na vida, de uma mulher que morava em uma comunidade, na época em que o Departamento de Habitação demolia as casas, botava em um caminhão e largava do outro lado do mundo. Coisas que eu achei que não iam acontecer, diferente, parece que o tempo não passa em alguma situação. Eu gostaria muito de ver esta Casa discutindo e aprovando medidas que diminuam realmente a radicalização da falta de moradia, a questão dos postos de saúde, o atendimento digno para as famílias que estão lá, dependendo dos Vereadores que colocaram aqui, dependendo de nós. Eu queria agradecer às mulheres Vereadoras desta

Casa, Comandante Nádia, todas vocês - a primeira vez que assumi neste ano foi em março - pela acolhida que eu tive. Tive uma que infelizmente ficou de costas, aí, quando eu estava ouvindo agora alguém falar na Câmara, dizendo que, conforme o número de votos, tu és respeitado... Não é o número de votos que nos faz ser respeitado, o que nos faz ser respeitado é a nossa conduta, nossa proposta e o motivo pelo qual estamos aqui. Fui cobrada também no Facebook pela votação de ontem. Eu vim, sou suplente, assumi ontem com muito orgulho no lugar do Ver. Dr. Goulart por motivo de doença - espero que ele melhore. Eu quero estar aqui pelo meu êxito, pelos meus votos, pela minha capacidade, mas, se estiver que esta aqui por motivo de doença, estarei e tentarei fazer o melhor. Fiquei muito indignada quando ouvi na mídia, por alguns colegas aqui, que houve uma reunião fechada. Eu fui convidada para uma reunião de Líderes, aberta. Nesta reunião de Líderes não se votou, discutiu-se se votaríamos ou não, se continuaríamos ou não a Sessão Plenária. Com isso, todos os que estavam ali concordaram, argumentaram, fizeram algumas propostas, mas todos concordaram. Lembro que o nosso Presidente Cassio ponderou que deveria ser feito justamente na Comissão para realmente estar aberto ao público. Lembro veementemente desta colocação; por isso concordamos, e eu me sinto completamente responsável pelo que fiz ali e com legitimidade de que todos fizeram ali. Quem quis votar contra, votou; quem quis se abster, se absteve. Só que quero dizer para vocês que não é para qualquer um isso aqui. Para tomar posição tem que responder por ela. E se eu vim aqui, eu tenho que tomar posição e responder por ela. Eu sinto muita falta da ausência da fidelidade partidária, porque quando a gente entra para um partido, a gente deve olhar o estatuto desse partido; e quando assinar a ficha, ver se concorda ou não com esse partido. E no momento que concorda tu podes discutir, colocar a tua ideia, ela vencida, ou tu vens e voltas para o teu partido, ou tu saís. E ontem eu não tinha condições, porque eu não participei de todas as discussões de reuniões porque eu era suplente, não estava aqui no momento de ter uma avaliação mais profunda desse projeto: se 14% estava bom, se os 11% não estava, porque eu não tive essa oportunidade, mas eu tive que confiar nos meus Pares. Eu tive que confiar no Ver. Luciano Marcantônio, eu tive que confiar no meu Presidente, eu tive que confiar nos Vereadores que botaram ali a sua palavra e disseram "sim". Por isso, eu me manifestei com responsabilidade e responderei isso em qualquer lugar, como respondi no Facebook. Cobraram-me que houve um tumulto aqui, que a palavra não era tumulto. Então, vou

olhar no dicionário o significado da palavra “tumulto”. Eu fui até bem boazinha quando falei “tumulto”. Eu disse: “Olha, houve um tumulto, e a partir do tumulto não se pôde terminar a Sessão, por isso que chegamos ao fato de votarmos às 20h, com a convocação de todos os Vereadores” – eu estava presente e vi.

Mas quero dizer para a sociedade que houve esse programa, para as Excelências, os Vereadores, que estão aqui com legitimidade, para os funcionários públicos, que eu conheço quase todos, já estive nesta Casa, já fui assessora parlamentar de uma mulher muito digna, que, na minha opinião, na época, se ela tivesse sido eleita Prefeita desta Cidade seria uma grande mulher, que é a Helena Bonumá, que foi excluída do partido por ser uma pessoa coerente, lutadora por todos os direitos sociais, pela inclusão dos direitos humanos. E eu não era filiada a partido, fui convidada pelo meu acúmulo na área da criança e do adolescente, por ter sido conselheira tutelar por dois mandados. Nos meus mandados municipais, para concluir, eu trabalhei muito com os municipais, motoristas, assessores, tiveram todo o meu apoio, respeito muito, mas estamos vivendo um momento muito difícil e cada um tem que fazer a sua cota de contribuição. Cada um tem que avaliar, porque eu também quero ver esta Casa cheia para defender direitos daqueles que não podem estar aqui, parece que os direitos são somente de algumas categorias e de algumas pessoas. E, às vezes, os sindicatos acabam mais atrapalhando do que ajudando o direito daquele que ele representa. Eu vi isso na Carris, vi isso na saúde, quando eu defendi o direito da SAMU, que queria estar igualada aos funcionários, motoristas da Prefeitura. Eu os conduzi ao Executivo, eu fiz tudo que poderia ter feito da melhor forma possível, quando entrou o sindicato, eles perderam o que eles estavam lutando. A Guarda Municipal, lá da Carris, buscou todas as alternativas com os Vereadores e outras formas, levamos para o Executivo, quando chegou o sindicato, eles perderam o que eles estavam buscando. Às vezes, os interesses do sindicato são puramente partidários; e quando ele se torna puramente partidário, ele não representa a categoria. Era isso que eu queria deixar registrado. Posso estar equivocada, posso até me convencer do contrário, mas hoje vejo isso como um carma e não como uma coisa maravilhosa. Não existe cabimento, Ver. Cláudio Janta, e eu o conheço mais agora, mas seja quem for que estiver na tribuna tem o direito de ser respeitado, como qualquer servidor não pode ser agredido no seu local de trabalho. Há uma lei sobre isso. Ele pode dizer não, pode dizer que não tem mérito, mas não se pode atacar um servidor, e nesse momento o Vereador é um servidor

público também e está no seu local de trabalho. Eu não poderia deixar de me manifestar neste momento como uma mulher de comunidade e como fui respeitada pela maioria dos Vereadores, pelos votos que tive. Dois mil votos pode ser pouco, 2.500 é muito para uma mulher que não teve nada para oferecer a não ser o seu trabalho, a sua coerência e história de vida. Sinto-me como se tivesse 20 mil votos e não, 2.000. Muito obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Reginaldo Pujol está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. REGINALDO PUJOL: Sr. Presidente, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores, eu tinha no início da tarde me programado para uma consulta médica no dia de hoje, ao mesmo tempo, eu concordei com a Ver.^a Fernanda Melchionna, já que nós não prevíamos o horário em que o Grande Expediente iria acontecer e de não utilizá-lo no dia de hoje, o qual foi transferido para a próxima segunda-feira. Fui sem muito prazer até o médico, porque ninguém vai ao médico por prazer, e volto em tempo hábil de me juntar com as manifestações que o meu gabinete informa ocorreram nesta tarde de tristeza, da mais profunda tristeza ao comentar os acontecimentos do dia de ontem nesta Casa.

Como diz o ditado popular, até dos fatos ruins a gente tira coisa boa, meu caro Ver. Valter Nagelstein, a quem quero publicamente prestar homenagem pela sua conduta magistral, no dia de ontem, no comando da Casa naqueles momentos críticos. O que me agrada sobremaneira, pode V. Exa. entender que seja uma brincadeira minha, mas não é, é um gesto sincero, dizer que tenho um profundo respeito ao seu trabalho, à sua coerência, à sua postura, ontem, acrescida do equilíbrio, que fez com que, sem perder autoridade, V. Exa. conseguisse levar com muito equilíbrio o processo que aqui se desenvolveu. Eu fiquei, Sr. Presidente, pasmo, quando vi que os jornais de hoje colocam que há colegas nossos que participaram diretamente da inclusão daqueles acontecimentos, a sustentar que agimos de forma contrária à Constituição brasileira, de forma inconstitucional, ao tomar a decisão que tomamos na tarde de ontem. Olha, eu quero dizer com a maior franqueza possível, eu posso, em determinado momento, me equivocar e ganhar a construção, mas nunca, em momento algum, vou arranhar a lisura, a dignidade, a postura adequada e, sobretudo, Vereador Presidente, no meu nono mandato, permitir que se

apequene o Parlamento da Cidade, onde por tanto tempo venho exercendo meus mandatos.

Acho que, de todos os males que aconteceram, fica um fato positivo: é que a nossa capacidade de resistir foi muito maior do que aquela capacidade demonstrada pelos instigados militantes que invadiram esse sagrado plenário na tarde de ontem. Eu e os 27 companheiros e companheiras de jornada que estiveram presentes naquele momento histórico, assinaram de forma muito clara esse compromisso nosso de fazer com que as prerrogativas parlamentares deferidas pelo povo continuam a ser exercidas neste Parlamento com maior amplitude e com maior dignidade. E, agora, Sr. Presidente, me informam os colegas que, na minha ausência, foi apresentado um requerimento pedindo a Renovação de Votação no dia ontem. Quero que seja renovada a votação, quero reafirmar a minha posição, quero, mais uma vez, declarar que o meu voto ontem proferido, especialmente a declaração de voto que apresentei, não condiz com o inteiro com que eu deveria escrever na tarde de hoje, porque tinha, por antecipação, escrito a declaração de voto. Não tinha, minha querida Comandante Nádya, ouvido ainda aqueles impropérios ditos com relação à eminente colega por uma das lideranças de oposição. Não tinha visto aquela tropa invadir este plenário antes de dar aquele voto. Então, agora, eles vão me dar oportunidade de desta tribuna dizer tudo que eu quero dizer, e os que pediram a renovação de votação têm que estar aqui e dizer por que não querem votar, por que não quiseram votar naquele dia, por que queriam prorrogar por cinco Sessões a mais esta decisão e por que compactuaram e até estimularam a invasão que aqui ocorreu. Isso é o mínimo que nós vamos querer; isso é o mínimo que eu vou querer; isso é o mínimo que se quer aqui.

Eu quero dizer o seguinte: fiquei até surpreso de ver que as mulheres de oposição têm mais coragem do que os ditos homens da oposição, porque elas vieram aqui hoje de tarde, e os homens nem compareceram, devem estar procurando argumentos para apresentar, perante a opinião pública, perante a sociedade de Porto Alegre, um gesto extremo, descabido, desproporcional com que agiu na meia-tarde, na meia-noite de ontem. Por isso, Presidente, vamos enfrentar esse requerimento. Eu só tenho dúvida se nós aprovamos o requerimento para votar de novo ou se já detonamos esse requerimento de saída. Porque os efeitos serão os mesmos, e a oportunidade de nós renovarmos os nossos protestos, Ver. Bosco, Ver. Thiago, a quem homenageio especialmente porque

tiveram posição contrária ao projeto, mas não cancelaram a bagunça que aqui fizeram e, ao contrário, deram com sua presença a legitimidade que a nossa decisão precisava. Vamos repetir a dose! Votaremos de novo se tivermos que votar de novo, se aprovarmos a renovação, os 21 votos que ocorreram irão correr novamente, os votos leais às posições assumidas ocorrerão também, e o efeito positivo da decisão ficará tomada. Só quero lamentar que a incongruência, a intolerância não nos permitiu termos uma decisão mais sábia no dia de ontem. Sabe o Presidente, sabem as lideranças da Casa que o meu propósito era pugnar até o último momento para que nós parcelássemos a incidência dessa alíquota. Presidente, com frequência eu conversei sobre isso, V. Exa. sabe do apoio que eu dava à proposta do PMDB, que foi retirada, porque os pretensos líderes dos municipais disseram: “Não queremos isso, é tudo ou nada.” Ficaram com o nada. Ficaram com o nada e nos impediram de fazer com que algo se repetisse, nesta Casa, que é a racionalidade, no enfrentamento de uma matéria como essa. Porque, quando foi o aprovado o Previmpa e estabelecida a alíquota, eu já era Vereador e, na ocasião, foi cautelosamente colocado, ano após ano, 1%, começou com 9%, passou para 10% e foi até 11%. Nós iríamos repetir; mas não conseguimos, Presidente. Vou concluir, não conseguimos, mas não temos que lamentar. Às vezes, o destino escreve certo por linhas tortas. A loucura que esse pessoal fez, no dia de ontem, o vexame que eles fizeram e a indignidade do seu comportamento servem para nos despertar. Vamos nos organizar, vamos fazer com que a sessão, nesta Casa, seja o exame da democracia e não de balbúrdia, de safadeza nem de indignidade como, para minha tristeza, é o que noticia a imprensa da Capital no dia de hoje. Muito obrigado, Sr. Presidente.

(Não revisado pelo orador.)

(O Ver. Cláudio Janta reassume a presidência dos trabalhos.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): A Ver.^a Comandante Nádia está com a palavra em Comunicações.

A SRA. COMANDANTE NÁDIA: Sr. Presidente, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores, mesmo não estando aqui as pessoas que deveriam estar, eu fiz questão de poder falar hoje na tribuna para que fique nas notas taquigráficas e na filmagem que a minha

assessoria está fazendo. Eu gosto muito de ver que o PSOL e o PT são pródigos em suas cartilhas e nos seus repetidos mantras: confisco dos salários, neoliberalismo, fascismo, desmilitarização, governo golpista, governo ilícito, ilegítimo, economia que privilegia ricos e são repressores. Chega desse mimimi, desse papinho mole que mais ninguém aguenta. Chega! Chega de vitimização, porque quem foi vitimizado ontem aqui foi este Parlamento. Eu acho muito interessante – e vou falar nomes, porque a Fernanda Melchionna acha que eu e a Ver.^a Mônica não ficamos aqui quando ela fala; bem pelo contrário, muitas vezes a oposição aqui, o pessoal de esquerda é que sai – quando a Ver.^a Fernanda Melchionna diz que a motivação da invasão ontem foi realizada por nós, Vereadores, e pela política do Governo do Marchezan. Não, Ver.^a Fernanda Melchionna. Quem incentivou a invasão foram os próprios sindicalistas, que se dizem municipais. Eu tenho as minhas dúvidas. Para mim, são pessoas de movimentos ideológicos que aqui vêm. Até porque na divisão, aqui, daqueles que eram contra o aumento da alíquota para aqueles que eram a favor, nós víamos, Ver. Janta, aquela galeria um pouco menor, mais reduzida. E eu ficava pensando: será que é porque as pessoas que eram a favor não estavam trabalhando? Eu me pergunto por que tantas pessoas que chegaram aqui às 11h da manhã ficaram aqui no plenário deviam estar liberadas do ponto, não deveriam trabalhar ou faltaram. Fica esta dúvida aí.

Ontem, quem foi agredido foi o Ver. Valter Nagelstein, que exercia, naquele momento, a presidência desta Casa. E o Jonas Tarcísio Reis, que é professor municipal – é aquele ali (Mostra fotografia.) que está de óculos –, diz assim: “Apanhei do Ver. Nagelstein, do PMDB. Me deu socos, rasgou minha camisa e bateu na minha companheira. Fora, fascistas! Cartilha e mantra”. A gente bem vê ali. Deve ser agora a próxima jogada dizer que foi uma montagem esta foto.

Vi também o Ver. Janta nesta tribuna exercendo a plenitude do seu mandato, Ver. Pujol, sendo interrompido com gritos, pessoas querendo lhe arrancar da tribuna e muitas pessoas lhe atirando no rosto moedas e dinheiro em papel – coisa que não se faz com homem nem com mulher de direito.

O Ver. Roberto Robaina – e por isso depois eu vou pegar as notas taquigráficas e entregar, na segunda-feira, na mesa do Ver. Roberto Robaina – foi muito inteligente, ontem, quando se utilizou de jogos de palavras para querer me colocar contra o Simers, Ver. Felipe Camozzato. E eu, como fui interrompida na minha fala aqui por diversas e

diversas vezes, não tive a oportunidade de falar a verdade e desmentir o que o Ver. Roberto Robaina estava dizendo.

O Presidente Paulo de Argolo Mendes, do Simers, me ligou e pediu para que eu votasse “não” ao projeto. Eu disse a ele que não poderia porque a minha posição estava marcada com convicção, Ver. Cláudio Janta, e expliquei a motivação. O apoio do Simers à Frente Parlamentar de Segurança Pública do Município, que eu presido, nada tem a ver com a forma pela qual eu realizo os meus votos. Não é um troca lá e dá cá, como muitos Vereadores estão acostumados. O Dr. Paulo Argolo compreendeu o meu voto de “sim” ao aumento da alíquota porque ele sabe que segurança pública é importante. Diferentemente do PSOL e do PT, que usam máscaras nos movimentos e atiram pedras e coquetéis molotov na Brigada Militar. Jamais misturaria uma coisa com a outra; o meu voto eu não vendo e eu não troco.

As pessoas que eram a favor do aumento da alíquota foram convidadas a se retirar pelo Ver. Cláudio Janta e mesmo assim os que eram contra fizeram baderna e envergonharam esta Casa.

Eu quero dar os parabéns à Guarda Municipal que se portou muito bem, profissional, técnica e que, ainda assim está sendo ameaçada com registros policiais. E muitos Vereadores - vou dizer aqui para o pessoal da Guarda e dos funcionários que trabalhariam ontem - são testemunhas dos senhores no sentido de que vocês exerceram o trabalho de vocês.

Aqui, alguns Vereadores do PT e do PSOL não sabem de nada. São como o Lula: o tríplice não é meu, o sítio não é meu e a turma que estava ali não era a minha! Quando a gente sabe que era, sim. O Presidente do Simpa é aliado da Ver.^a Sofia, então vamos deixar a coisa bem clara.

Quero falar de outra coisa, antes que eu me esqueça, coisas que não foram faladas, achei extremamente inconveniente, Ver. Cláudio Janta, que está presidindo esta Sessão, alguns assessores de Vereadores que estavam aqui dentro do Plenário colocando o dedo na cara de Vereador, peitando Vereador, e achando que assessor é Vereador. E aqui eu vou dizer o nome, assessor da Ver.^a Fernanda Melchionna, do Ver. Aldacir José Oliboni, da Ver.^a Sofia Cavedon e do Ver. Roberto Robaina. Espero que tenhamos uma fala mais direta com os Vereadores, porque os meus assessores e da grande maioria dos Vereadores são pessoas educadas e que os tratam por Vereador e senhoria. Então eu

exijo, não fizeram comigo, porque o diabo sabe para quem aparece. Mas eu vi fazerem isso com alguns colegas, inclusive o Presidente Cássio mandou que todos se retirassem. Então é bom que os assessores não se considerem Vereadores, porque, se quiserem ser Vereadores, vão para a campanha, coloquem o rosto e sua história na rua e vão fazer voto como nós fizemos. Também fica aqui a minha fala para alguns funcionários da Casa, ter posicionamento político é uma coisa, se manifestar aqui contra Vereadores é outra. Eu não aceito isso.

Por derradeiro, quero dizer, Presidente Casio e caros colegas, que bravamente ficaram até o final, ontem, da Sessão e eu estou muito orgulhosa. Pela primeira vez senti orgulho de estar aqui nesta Casa Legislativa, que se posicionou firme contra um movimento ilegítimo que quer derrubar a democracia. Esses Vereadores que ficaram até o fim honraram cada eleitor que colocou na urna o voto para eles. Que não se intimidaram com os baderneiros que, com certeza, não representam os municipais, porque eu sei que tem gente muito trabalhadora. E aquele pessoal que estava ontem, aqui, era de movimentos ideológicos. A Ver.^a Mônica Leal, eu tenho que compactuar com ela que nós duas não aceitaremos mais desculpas de bastidores de alguns Vereadores da oposição. Agora nós aprendemos: bateu, vai levar! Obrigada.

(Não revisado pela oradora.)

O SR. PRESIDENTE (Cassio Trogildo): O Ver. Dr. Thiago está com a palavra em Comunicações.

O SR. DR. THIAGO: Quero, primeiramente, queria fazer o registro aqui ao Ver. Valter Nagelstein pela postura, na tarde e noite de ontem, ratificando o que o Ver. Pujol acabou dizendo aqui. O Ver. Valter na tarde e noite de ontem ele agrega mais uma característica ao seu perfil, que é a tolerância, Ver. Pujol. É um exercício diário, um exercício necessário, Ver. Valter, que está aqui no plenário, chegando ao plenário, o exercício necessário e fundamental para ser Presidente desta Casa. Quero dizer aqui ao Ver. Matheus, que me antecedeu, eu acho que o Matheus é uma grande aquisição desta Casa, nesta Legislatura. E acho que a presidência, Ver. Cassio, também teve o condão de poder numa decisão colegiada, que para muitos não era a ideal, para mim, particularmente, que tinha uma posição que não era essa, mas sem dúvida nenhuma,

quando a maioria decide, nós temos que estar juntos, e eu lhe confesso que eu estava equivocado, V. Exa. estava certo naquele momento, era a melhor conduta a ser tomada, e foi a conduta que foi tomada pelo conjunto dos Vereadores. Eu tenho uma posição muito própria nesse processo, Ver. Janta, eu sou contra o projeto e me posicionei contra o projeto. Então, eu tenho uma posição, um olhar diferente sobre o projeto. Eu acho que os dados atuariais que eu estudei, vindos do Previmpa, falam de que não há necessidade de se fazer isso, neste momento agora. Também vejo nesses dados, essa é uma visão própria, de que efetivamente isso não resolve problema da Cidade, e pode criar mais uma zona de conflito do Executivo com os municipais. Mas não posso concordar em nenhum momento com as atitudes tomadas aqui. E sem dúvida nenhuma, se alguém foi responsável pelo projeto ter sido aprovado e houvesse esse resultado na tarde de ontem foi a conduta intempestiva, radical, violenta e inapropriada do Sindicato dos Municipais, dos seus membros. Uma conduta radical e violenta que já havia ocorrido em 2013 quando da ocupação da Câmara, e passei para o conjunto dos Vereadores fotos do sindicato trazendo alimentação para os indivíduos que invadiam a Câmara. Então, temos que rechaçar com violência, temos que criminalizar esse tipo de ação porque essa ação é violenta, ela não pode receber guarida de nenhum dos Vereadores, porque ela desmoraliza a Casa. E a Bancada da oposição, temos Vereadores que já foram presidentes da Casa, eles não podem dar guarida a esse tipo de movimento. A Câmara é o Poder desarmado, ela não pode sofrer esse tipo de violência como a democracia está sofrendo esse tipo de violência, o Estado Democrático de Direito sofre esse tipo de violência. Esse tipo de conduta tem que encontrar rechaço em todas as nossas falas, e infelizmente, não é isso que estamos vendo. O que estamos vendo é um parlamento maduro, e que rechaça tanto do Executivo, e posso dizer isso porque não sou do Governo, não sou da oposição, somos independentes, eu e o Ver. Pujol, o nosso bloco, que rechaça todo tipo de comportamento do tudo ou nada, seja do Prefeito, seja dos sindicatos, seja de quem for. Essa Câmara rechaçará todo tipo de comportamento do tudo ou nada. Agora vem a reforma administrativa, a melhor emenda era do Ver. João Bosco Vaz, que retirou a emenda por solicitação desse comportamento do tudo ou nada. Então, quero deixar isso bem claro, Ver.^a Comandante Nádia, quero lhe dizer a opinião dos médicos do Município: somos contra o projeto, independentemente de quem for a favor ou de quem liderou o voto, a posição dos médicos do Município, e eu respondo por ela, é de

que nós somos, éramos, contra esse projeto. Então, quando V. Exa. falar aqui, não fale em nome dos médicos do Município. Esses são contra o projeto, são contra o projeto! Mas nós temos que, em conjunto, rechaçar todo tipo de posicionamento arbitrário, demagógica que avulta o Estado Democrático de Direito como foi feito aqui ontem. Eu acho que o grande recado é de que ontem a coragem venceu o medo. A coragem nossa de prosseguir com a votação venceu o medo, o medo até físico que alguns tinham de sofrer represálias por aqui e por fora, de corporações que são, sim, ilegítimas quando praticam isso. Muito obrigado, Presidente.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): O Ver. Felipe Camozzato está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

O SR. FELIPE CAMOZZATO: Obrigado, Presidente Ver. Janta. Boa tarde, colegas, eu, diante de toda esta repercussão das cenas lamentáveis que nós tivemos ontem aqui na Câmara e diante de tudo que meus colegas já falaram na tarde de hoje, eu tenho, acredito, um pouco apenas a contribuir e a acrescentar, pois as palavras foram muito bem colocadas. Eu parablenizo todos os meus colegas que se manifestaram de maneira clara, coerente e repudiaram aquilo que vivemos ontem. Aliás, eu gostaria de parabenizar todos os Vereadores que ontem permitiram que aquela Sessão Extraordinária fosse realizada e que a gente efetivamente votasse um projeto. Afinal de contas, o Parlamento não pode se calar, não pode ser subserviente, não pode se dobrar aos gritos e às ameaças e às agressões de quem quer que venha aqui ocupar as nossas galerias. Vale dizer que, nas notícias de hoje, nos *twitters* de jornalistas, de entendidos do assunto e de alguns colegas Vereadores, a gente nota que muitos tentam ser cordiais. Muitos querem passar a informação sem ferir aí com algum sentimento alheio, mas essa cordialidade, infelizmente, ela acaba sendo prejudicial para o debate política e para que as informações transcorram com clareza na nossa Cidade. Pois, muitas pessoas evitam chamar as coisas pelo que elas efetivamente são. É como George Orwell, em A Revolução dos Bichos, tratava a “novilíngua”. Os movimentos sociais, de que a Ver.^a Sofia fez questão de vir aqui falar hoje à tarde, que nada mais eram do que movimentos sociais aqueles que estavam ontem aqui, invadindo, agredindo Vereadores, movimentos sociais naturais. Isso

é pura novilíngua orwelliana, é infinidade, porque movimento social, vamos ser francos, Ver. Cláudio Janta, Ver.^a Nádia, é uma coisa; grupo que agride, invade, cala parlamentares, ameaça, impõe, porque foi isso que fizeram aqui na frente: “queremos negociar”...

(Aparte antirregimental do Ver. João Bosco Vaz.)

O SR. FELIPE CAMOZZATO: É, tenta calar, bem colocado, João Bosco Vaz. Estes são qualquer coisa menos movimentos sociais. Aí vamos escolher qual nome queremos dar: grupo terrorista, gangue, quadrilha, podemos escolher, porque esses outros adjetivos se enquadram, sim, nesse tipo de conduta. A Ver.^a Sofia e os Vereadores do PSOL também dizem que estamos aqui tentando marginalizar a esquerda ao fazer o repúdio do que aconteceu ontem, e falam para a imprensa que estamos tentando marginalizar a esquerda. Ora, nós não precisamos marginalizar a esquerda porto-alegrense, ela decidiu se marginalizar, ela decidiu. Aliás, a Ver.^a Sofia teve a audácia de dizer aqui – e na reunião do colégio de Líderes hoje pela manhã – que nós deveríamos tratar os invasores, agressores de ontem não com retribuição da violência que nos trataram; que os guardas municipais erraram em ter usado *spray* de pimenta, que erraram em tentar segurar. Decerto ela queria que os guardas municipais, que muito bem atuaram ontem, estivessem portando flores, doces, rosas para entregar àqueles que estavam ameaçando a sua própria segurança, não só dos Parlamentares que aqui estavam. Pedem diálogo, mas quando pessoas favoráveis ao projeto, que estavam aqui no Parlamento, por alguns Vereadores da oposição foi pedido a elas que pudessem se retirar, elas cordialmente aceitaram, sob o título de que assim a Sessão transcorreria com maior normalidade, logo em seguida, os demais não cumpriram, invadindo, agredindo e tudo mais que nós vimos. É muito interessante essa hipocrisia tão evidente; é muito interessante essa marginalização de um grupo político tão evidente, e aqui saúdo o que tanto o Ver. Valter quanto a Ver.^a Nádia deixaram claro sobre quem são essas figuras, e a gente viu o Diretor do Simpa, que a Ver.^a Nádia apontou que é ligado à Ver.^a Sofia, que, em suas redes sociais, deixa muito claro qual é a sua filosofia política postando fotos de Che Guevara. Eu vou tomar a liberdade de fazer uma associação de que esses movimentos também são contrários e foram radicalmente opositores de movimentos civis, como o grupo Armas

pela Vida. Eles acham que as pessoas não podem ter armas para se defender, não podem portar armas, de certo porque, na cabeça deles, quando eles se colocam no lugar das pessoas que teriam arma, eles pensam: “Já que eu gosto do Che Guevara, se eu tivesse uma arma, talvez eu usasse para fazer a mesma coisa que Che Guevara fez com aqueles seus opositores: fuzilar, paredão”. Que bom que essas pessoas não passariam em testes psicotécnicos; que bom que essas pessoas teriam dificuldade de adquirir armamento, mesmo se a gente tivesse uma lei mais branda, porque um servidor público, como é o caso do Jonas, professor municipal, líder de um sindicato dos municipais... Ele foi um dos primeiros – se não o primeiro – a invadir, a agredir, a se fazer de vítima, sendo, talvez, um dos maiores protagonistas de um dos maiores escândalos de totalitarismo na cidade de Porto Alegre. Foi um absurdo o que nós vivemos aqui! Ainda bem, fico honrado de estar ombreando com Vereadores que, da mesma forma que eu, repudiam esse ato e estão bravamente se manifestando a despeito de muita mentira que está sendo dita por Vereadores do bloco de oposição e por alguns jornalistas – é bom eu falar que são alguns, não todos – que têm o crachá do seu veículo de imprensa, mas que, no verso, devem ter ali o seu registro de filiação partidária com alguns desses partidos que ontem proferiram e lideraram esse escândalo. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): Passamos à

PAUTA

O Ver. Reginaldo Pujol está com a palavra para discutir a Pauta.

O SR. REGINALDO PUJOL: Sr. Presidente, Srs. Vereadores, a pauta está muito extensa no dia de hoje, é muito grande o número de projetos que estão em tramitação em 1ª ou em 2ª Sessão, mas, Ver. Bosco, nós queremos salientar um projeto de nossa autoria, o PR nº 031/17 que concede a Comenda Porto do Sol ao Sr. Ricardo Finn Salomão, quem é ele? Se eu falar sobre o Impacto do Vento Livre logo fariam a vinculação, é o Ricardo da Impacto que nos últimos tempos tem consolidado uma atuação empresarial muito consistente na área de eventos e na organização de grandes atividades, na qual o seu

expertise tem participado com grande atuação não só aqui em Porto Alegre como no Interior do Estado, e, mais recentemente, em atividades que se realizam fora do Rio Grande do Sul. Entre os quais, algumas de repercussão internacional como aquela que se realiza na antiga Capital Federal brasileira, no nosso eterno Rio de Janeiro, que é, indiscutivelmente uma promoção que o mundo inteiro conhece e reconhece, goste ou não de rock, que é o Rock in Rio, onde a atuação da Impacto foi muito positiva e muito forte. Por isso, Sr. Presidente, não me surpreende que a Veramix Goiânia, a Fast Fest Brasília, o Rodeio de Jaguaruruna, o João Rock de Ribeirão Preto, a Virada Cultural Paulista tenha se socorrido dos trabalhos e da capacidade de organização desse empresário e de suas empresas. De outra banda, Sr. Presidente, eu gostaria de acentuar que num momento especial da vida de uma cidade, nessa transferência de poder entre o Governo Fortunati e o Governo Marchezan, mais tem se acentuado a atuação do Ricardo, não fora ele, dificilmente a festa teria se realizado. Como há muito ele trabalhava na promoção dessa festa, iniciando não havendo recursos e nem tempo de se fazer levantamento de valores junto às empresas patrocinadoras, ele não titubeou em, sem nenhum ônus aos organizadores da festa, realizar os trabalhos que sempre realizaram, e irão fazê-lo com absoluta segurança e tranquilidade. Da mesma sorte, os amigos nossos, especialmente os companheiros Vereadores, que têm vínculos com as atividades carnavalescas sabem que ele foi decisivo, não fora ele também não haveria ter sido realizado o trabalho que herculeamente foi promovido pela Liga das Escolas de Samba de Porto Alegre, dirigida pelo nosso querido amigo Juarez Gutierrez, que conseguiu, para a surpresa de muitos, com todas as dificuldades surgidas, realizar essa festa popular que embala centenas de milhares de porto-alegrenses. Por isso, Sr. Presidente, não me causou surpresa nenhuma, de ver o número de pessoas que, através da rede social, se manifestaram em aplauso a essa proposta. No dia de ontem, já mais de três mil manifestações havia surgido, que visualizaram, que apoiaram, que comentaram, que nos cumprimentaram. Acho que, com toda a certeza, esse projeto de redução, que cumpre hoje o seu derradeiro dia de pauta e que agora deverá ser encaminhado para as comissões competentes, especialmente a Comissão de Constituição e Justiça, e com muita segurança, com a minha condução, com o Ver. Tarciso Flecha Negra que preside a Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude, e lá certamente haverá de ter o nosso quase integral apoio, como acredito, Ver. Janta, que irá, na sua Comissão, a CCJ, isso irá acontecer. Até

porque, V. Exa. também conhece e reconhece o bom trabalho que esse empresário vem realizando. E, como nós estamos praticamente órfãos de empresários honestos, quando existe um que trabalha dignamente, que progride e alcança o sucesso sem cometer os desatinos que outros cometeram, sem invadir os cofres públicos, nós temos que nos reunir, saudar, louvar e proclamar. Que bom que existe gente como o Ricardo, que, fora disso, o resto nós estamos vendo todos os dias nas redes de televisão, nas rádios, nos jornais, no cotidiano do Brasil a lamentar com a maior tristeza possível. Obrigado, Presidente, pelo que ter me tolerado até o presente momento e especialmente aos digníssimos colegas que me ouvem com sua audiência nesta hora. Obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

O SR. PRESIDENTE (Cláudio Janta): Não tendo mais nenhum Vereador inscrito, apesar da tentativa de ontem de calarem esta Casa, nós cumprimos o período de Comunicações, o período de Pauta, de Tribuna Popular e de Comunicação de Líder. Tivemos 14 Vereadores inscritos para falar, 12 em Comunicações, 10 Vereadores na Tribuna Popular e um Vereador em Pauta. Esta Casa não vai se calar, esta Casa não vai se fechar. A prova foi hoje pelo número de Vereadores inscritos e pelo número de Vereadores que participaram da sessão. Em nome de Deus, agradeço a todos e peço que estejam aqui na segunda-feira para a sessão. Agradecemos a presença de todos e de todos os funcionários desta Casa e de todas as pessoas que nos assistiram no dia de hoje. E que o Caju esteja aqui segunda-feira batendo palmas para os Vereadores. Muito obrigado. Estão encerrados os trabalhos da presente Sessão.

(Encerra-se a Sessão às 18h19min.)